

FECHAMENTO AUTORIZADO. PODE SER ABERTO PELA ECT

revista

ANO II - Nº 3 - AGOSTO 2011

Unimed/RS

Impresso Especial

9912283846/2011-DR/RS  
Instituto Unimed/RS

... CORREIOS ...



# pensar

Uma publicação do Instituto Unimed/RS

O Fórum Político Unimed do Brasil  
O PENSAMENTO  
E O PODER



## VIVER COM QUALIDADE É A MO(E)DA DO FUTURO

### EXCLUSIVO

Fórum Político Unimed teve a participação de **Bruna Lombardi**, juntamente com Domenico de Masi, Jorge Castañeda, Hans Donner e Roberto Freire

### O PLANETA COOPERATIVO

O cooperativismo já reúne mais de 1 bilhão de pessoas e é a 9ª economia do mundo. Você faz parte dessa força?

Reportagem internacional alusiva ao Ano Internacional das Cooperativas, promulgado pela ONU para 2012 - págs 22 a 35



**A GENTE  
PODE ESCREVER  
UMA HISTÓRIA  
DIFERENTE  
EM 4 LINHAS:  
POLÍTICA, CULTURAL,  
SOCIAL E  
AMBIENTAL**



### POLÍTICO

- Fórum Político Unimed do Brasil
- Fórum Político Unimed/RS
- Café com Política
- Ações no Congresso Nacional e Unimed Brasil

### CULTURAL

- Revista Pensar Unimed
- Organização Biblioteca da Federação Unimed/RS

### SOCIAL

- Projeto VenSer
- Projeto Novas Cores, Novos Tempos
- Voluntariado empresarial

### AMBIENTAL

- Projeto Reciclagem de Carteirinhas

Promover a mudança através de ações políticas, culturais, sociais e ambientais. É para isso que nasceu o Instituto Unimed, criado por uma instituição de excelência em suas atividades: a Federação Unimed/RS. Seu papel é desenvolver ações modificadoras, capazes de transformar realidades através de diferentes propostas. **A mudança já começou.**



**Instituto  
Unimed/RS**

# Uma afirmação do cooperativismo, em muitas dimensões e realidades

**P**ensar é (ou pode ser) um arco com, pelo menos, quatro flechas: política, estratégica, social e mercadológica.

Foi essa intenção que motivou a presente edição da revista Pensar, incluindo uma imensa variedade de ideias e ideais, desfilados no 1º Fórum Político Unimed do Brasil.

Mas, para comprovar a tese inspiradora, fomos buscar elementos em outras realidades, mais precisamente no continente europeu, berço oficial do cooperativismo.

Encontramos o primeiro na entrevista do grande líder cooperativista Roberto Rodrigues, que não por acaso está publicada nas Páginas Verdes. É a voz de comando político, com o discernimento e a visão de futuro. É preciso ler.

A estratégia para o cooperativismo ser ainda melhor percebido e continuar sua expansão irresistível é o segundo elemento desta análise. Está no depoimento exclusivo de Charles Gould, que recolhemos na ACI em Genebra.

A projeção econômica do cooperativismo vem da Itália, onde a gigante Legacoop permanece firme no mercado, em seus 125 anos.

E o conceito essencial que tornou real o sonho cooperativista é a chama mantida acesa pela Casades em Portugal.

É com muito orgulho que a revista Pensar se apresenta, nesta edição internacional, com uma reportagem inédita sobre o assunto, no momento em que a Organização das Nações Unidas (ONU) declara 2012 como o Ano das Cooperativas.

O Sistema Unimed acredita que tem razões de sobra para continuar investindo na agregação de valores sustentáveis para seus associados, sob o manto sagrado da doutrina e dos princípios do cooperativismo.

**Nilson Luiz May**  
Presidente da Unimed/RS



**“O Sistema Unimed acredita que tem razões de sobra para continuar investindo na agregação de valores sustentáveis para seus associados.”**

## EXPEDIENTE

A **Revista Pensar Unimed** é uma publicação do Instituto Unimed/RS, fundado em 14 de abril de 2007, inscrito no CNPJ/MF sob o n. 08.969.474/0001-58. Redação, administração e correspondência à Rua Santa Teresinha, nº 340, CEP: 90040-180, Porto Alegre/RS.

Diretor: Gerson Antônio Reis da Silva  
Diretor Adjunto: Alcides Mandelli Stumpf  
Editor: Silvio Peter  
Redação: Ursula Schilling  
Produção: Lucas Paiva, Karine Jardine  
Circulação: Jonatas Barth e Pedro van Helden  
Tradução: Mônica Koehler Sant'Ana  
Fotos: Arquivos Central Nacional Unimed, arquivos Central RS, Berenice Guez, Clleber Passus, Gustavo Fasolo, Rodrigo Finardi, Sérgio Souza, e Wilson Ruane  
Editoração eletrônica: Gilson Rachinhas  
Revisão: Nilson Rodolfo May  
Impressão: Coan Gráfica  
Tiragem desta edição: 22.500 exemplares

**Federação Unimed/RS**  
**DIRETORIA EXECUTIVA**  
Presidente: Nilson Luiz May  
Vice-Presidente de Coordenação das Relações Estaduais: Nilso Zaffari  
Vice-Presidente de Coordenação das Relações Nacionais: Márcio Pizzato  
Diretor Administrativo: Gerson Antônio Reis da Silva  
Diretor de Desenvolvimento Humano: Renato Lehnen  
Diretor Financeiro: Belmir Bruno Barison  
Diretor de Gestão Organizacional e de Integração: Jorge Antônio Martines  
Diretor Operacional e de Intercâmbio: Paulo Roberto de Oliveira Webster

**Prezado leitor:** sua opinião é muito importante. Envie seus comentários e sugestões para o e-mail [comunicacao@unimedrs.com.br](mailto:comunicacao@unimedrs.com.br) e contribua para o sucesso da revista.

# O vírus do capitalismo

Tem-se dito que muitas descobertas científicas são feitas ao acaso. O "acaso", já dizia Pasteur, só favorece aos espíritos preparados e não prescinde da observação. A descoberta da penicilina constitui um exemplo típico.

Alexander Fleming vinha, já há algum tempo, pesquisando substâncias capazes de matar ou impedir o crescimento de bactérias. Em 1928, Fleming desenvolvia pesquisas sobre estafilococos, quando descobriu a penicilina. A descoberta de Fleming não despertou inicialmente maior interesse e não houve a preocupação de utilizá-la para fins terapêuticos em caso de infecção humana.

Somente em 1940 é que foi produzida penicilina com fins terapêuticos em escala industrial.

Após a descoberta da penicilina, produziram-se vários medicamentos, com finalidades antibacterianas, como as cefalosporinas de 1ª, 2ª e 3ª geração, e assim por diante. Porém, os médicos mais experientes sempre voltam a utilizar a velha e boa penicilina, que até os dias de hoje se mantém com grande eficácia nos tratamentos antibacterianos.

Uso esta analogia para fazermos uma reflexão: o que está acontecendo com o nosso cooperativismo?

Após o I Congresso de Cooperativismo Unimed realizado com o 23º Suergs, cheguei à conclusão de que fomos atacados por um potente vírus, que é o do capitalismo. Esse vírus vem contaminando todos nós, principalmente os médicos mais jovens, que não possuem tanta imunidade, pois ainda pouco participam do cooperativismo. Bem, se tem atacado todos nós, inclusive os

que já estão vacinados, o que podemos fazer, qual o remédio contra esse vírus?

Estamos buscando soluções, ainda no capitalismo, como nova forma de pagamento aos médicos, pagamento por performance, modelo da Kaiser-permanente e outros sistemas, todos provenientes do vírus capitalista. Onde está a solução para liquidarmos com esse vírus?

Estamos necessitando de altas doses de cooperativismo. Necessitamos com a máxima urgência do desenvolvimento da Educação Cooperativista, mas em altas doses. Necessitamos retornar ao pagamento médico por produtividade e com a Unidade de Trabalho Médico (UTM) variável, bem como precisamos chamar os novos cooperados a serem responsáveis por toda a administração financeira da cooperativa.

Temos que dividir o risco do nosso negócio, não só com os médicos cooperados, mas também com prestadores de serviços credenciados, tornando-os aliados do cooperativismo. Nossos clientes têm que entender o que é a cooperação e auxiliar na utilização dos serviços com mais parcimônia.

Concluindo, não temos que reinventar a penicilina e sim utilizá-la de forma correta e nas doses certas.



**Gerson Reis da Silva**  
Diretor da Unimed/RS

## SUMÁRIO

ANO II • Nº 3 • AGOSTO 2011

- 03.....Palavra do Presidente
- 04.....Ao Leitor
- 05.....Sala de Espera
- 06.....Fórum Político
- 08.....Domenico de Masi
- 10.....Jorge Castañeda
- 12.....Hans Donner
- 14.....Roberto Freire



- 36.....Pelo Brasil
- 38.....Mercosul
- 40.....Federação
- 42.....Institucional
- 43.....Uniair
- 44.....Clics
- 46.....Artigo
- 48.....Gestão
- 49.....Humor
- 50.....Reflexão



- 16.....Depoimentos
- 19.....Momentos do Fórum
- 20.....Café com Política
- 22.....Cooperativismo Intenacional
- 24.....Genebra - Suíça
- Entrevista
- 28.....Roberto Rodrigues
- Internacional
- 32.....Lisboa - Portugal
- 34.....Roma - Itália





## Rede de hospitais

O Sistema Unimed-RS conta com uma rede de serviços próprios composta por seis hospitais e sete hospitais-dia. E segue crescendo. A Unimed Vale do Sinos concluirá, em março de 2012, a ampliação do hospital-dia e do PA (Pronto Atendimento) de São Leopoldo (veja imagem do projeto). Ainda em 2012, dará início à obra de ampliação do Hospital Unimed de Novo Hamburgo, que receberá um anexo de 12 andares, conforme anunciou seu presidente, Luis Carlos Melo. Já a Unimed Missões prevê inaugurar aquele que será o 7º hospital do Sistema – com 80 leitos – ainda no segundo semestre de 2011, conforme Luís Cláudio Madureira.



## Coaching – desfazendo mitos

Considerando a gestão contemporânea organizacional, muito se tem falado sobre Coaching como uma excelente ferramenta para o desenvolvimento dos executivos. Para entendermos melhor sobre essa abordagem, a Revista Pensar entrevistou Andréa Ribas, especialista em gestão de negócios que há 12 anos assessora o desenvolvimento de empresas relacionadas ao segmento da saúde.

### O que é Coaching?

Coaching é uma abordagem personalizada de desenvolvimento de competências. Seguindo uma metodologia específica, é enfatizada a performance no ambiente real e a construção de estratégias para alcançar os objetivos futuros e sustentar-se lá.

\* Coaching: o processo

\* Coach: o profissional especialista

\* Coachee: o cliente

### Existem tipos de Coaching?

Os profissionais que utilizam a Escola do ICI – Integrated Coaching Institute como referência, desenvolvem Coaching dentro de duas lógicas distintas:

- Executive Coaching, para desenvolvimento de competências buscando uma gestão mais assertiva, alinhada às necessidades da organização e da carreira.
- Life Coaching, para desenvolvimento de competências que elevem a autogestão, ou seja, a capacidade de gerenciar a própria vida, iniciar novos ciclos, redefinir prioridades e ampliar a realização pessoal.

### Quem é o profissional Coach?

O Coach necessita ter atitude e experiência que inspirem a confiança do Coachee. Além de um genuíno interesse pelo crescimento do seu cliente, é fundamental que tenha uma formação apropriada, ou seja, que esteja preparado para aplicar esta abordagem/metodologia.

Existem algumas formações no Brasil, com credenciamento em instituições reconhecidas internacionalmente.

### Quais os diferenciais do Coaching para as empresas?

Comparado com as formações de desenvolvimento gerencial (em grupo), é no Coaching que os gestores têm efetivamente encontrado espaço para exporem com profundidade seus problemas, seus erros, suas dúvidas sobre sua performance gerencial. Nos programas de desenvolvimento em grupo é frequente vermos, na mesma turma, pessoas com níveis de maturidade muito distintos e com demandas e ritmos diferentes.

### E os resultados?

No Coaching, sempre deve ser analisado o antes (motivo da contratação) e o depois (resultados alcançados) e, em muitos casos, com a participação ativa da empresa contratante. O resultado é um compromisso que o Coachee e o Coach assumem juntos. Não é bate-papo, terapia ou pura catarse. E quando o cliente entra nessa cilada, o Coach precisa trazê-lo novamente ao foco. Em síntese, Coaching integra pragmatismo com genuíno interesse pelo crescimento do cliente. É foco no resultado mesmo.

Andréa Ribas é especialista em Gestão de Negócios, Coach de Executivos, certificada pelo Integrated Coaching Institute - ICI, diretora da VALORES Inteligências Corporativas. Dentre os seus clientes estão o Hospital do Coração – HCOR (em SP), Ministério da Saúde, Federação Unimed/RS, Unimed Participações, Uniair Serviços Aéreos e Unimed Vale do Cai.





# A moda do futuro será viver com qualidade



Da esq. p/ dir.: Orestes Pullin, Eudes Aquino, deputado Roberto Freire, prefeito Paulo Ghisi, deputado Marco Ubiali, Lelo Coimbra, Nilson Luiz May, Euclides Quaresma, Alcides Stumpf e Fábio Trombini Griesbach

Por André Pereira

Mais uma vez, e desta vez em âmbito nacional, o Fórum Político Unimed acertou no tom, na forma e no conteúdo da proposta contida na provocação subliminar do título "O Pensamento e o Poder".

Alvejou, pois, bem na mosca - para ser mais preciso e usando um linguajar despojado - como se poderia imaginar aprovaria o pensador italiano Domenico De Masi, se se propusesse a aventura da gíria nacional que tanto cativa o austríaco alemão Hans Donner, em sua paixão desmesurada pelas virtudes e defeitos brasileiros.

De Masi, autor do slogan "ócio criativo", encantou os médicos e assistentes de sua palestra, acentuando a dimensão de uma vida saudável e aprazível, física e mentalmente.

Mesmo o mexicano Jorge Castañeda, menos estridente que Donner e mais compenetrado que De Masi, ousou incursionar em plagas filosóficas. "A droga não nasce ilegal", cunhou ele, para criticar o combate

repressivo e violento ao comércio de entorpecentes que já custou milhares de vidas mexicanas. Mais disse, a respeito do Brasil e do seu próprio país, gigantes complexados com o valor da soberania interna, acima de um regime jurídico mais rigoroso, internacionalista na proteção às mulheres, aos direitos humanos e à preservação da natureza.

Sequer o político da vez, Roberto Freire, destoa da premissa central, pois, ao criticar programas do governo federal que considera assistencialistas, não deixou de defender a vida melhor para quem mais precisa, por meios mais consistentes e permanentes que a Bolsa Família de Lula e Dilma.

Lipoaspirada a gordura partidária, o parlamentar - que foi comunista e hoje integra o PSB - prega que o reino da necessidade encaminha para o reino da felicidade (ou da liberdade), na medida em que o trabalho torna o homem um ser humano melhor.

Em flanco contrário, sem a limitação geográfica

*"Você tem que ter proposta de vida, acreditar em uma escala de valores para enfrentar o caos urbano rotineiro e compensá-lo com recursos de forças interiores, buscando o que te faz bem, para também melhorar a vida dos outros".*  
Bruna Lombardi



Fórum Político foi prestigiado por público de quase 600 pessoas

de Brasília, salientando o valor de mulheres com o exemplo de vida da presidente Dilma Rousseff, a cosmopolita atriz Bruna Lombardi - que Mario Quintana elegeu musa e descobriu poetisa - considera que a vida é uma efervescência esmeraldina da cor dos seus olhos.

Qual sua receita de bem viver com equilíbrio, Bruna? "A receita depende do momento que se vive e da individualidade de cada um", diz com voz lenta e sorriso permanente. "Você tem que ter proposta de vida, acreditar em uma escala de valores para enfrentar o caos urbano rotineiro e compensá-lo com recursos de forças interiores, buscando o que te faz bem, para também melhorar a vida dos outros".

O jornalista experimentado Roberto D'Ávila diria que o desorientamento que se vive hoje inclui uma política sem pensamento, isto é, um exercício bruto e diário da mediocridade.

A 6ª edição do Fórum Político Unimed-RS, encenado em 2010, nas dependências do BarraShopping arejadas pelas águas do Guaíba ao fundo, no bairro Cristal, em Porto Alegre, cunhou a ideia de que todos perseguimos a felicidade como ambição maior da existência. Agora, no Hotel Mabu, de Foz do Iguaçu, o recado direto dos palestrantes, painelistas e até mediadores qualificados foi um pouco diferente: tratem de viver a vida com qualidade.

Vocês vão viver cada vez mais tempo - por conta da evolução da medicina, doutores!

Aprendam a aproveitar este período que lhes será acrescentado. Será a moda - ou a moeda - do futuro próximo - já em 2020, segundo perscruta a mente arguta de De Masi - mas pode ser a realidade da busca seletiva dos dias de hoje.

Depende, sobretudo, do empenho de cada um de nós. ■

## "Onde está a felicidade?"

**B**runa Lombardi acha que a palavra cooperativa rima com união e solidariedade, e que o termo médico é sinônimo de dedicação ao outro. E tudo isto está contido nas premissas de sua filosofia de vida e da perseguição dos sonhos de felicidade.

Atriz de sucesso, abandonou a carreira estável do contratos das telenovelas para fazer curso de roteirista de cinema nos Estados Unidos, fez duas películas e está lançando uma comédia cujo título é justamente a interrogação decisiva: "Onde está a felicidade?"

Inteligente, captou nas palestras alheias, que mediu com sensibilidade, ensinamentos úteis que transmitiu para os assistentes que cercavam o palco do Fórum. Sacou como os estranhos podem, repentinamente, nos ajudar, e mudar nossas vidas por inteiro. É o imponderável somado ao imprevisível, nos surpreendendo. E decidiu que não há tecnologia bem-sucedida sem um coração pulsando. "E um coração cuidado pelos médicos", completou, colhendo os devidos aplausos. ■



\*Trabalharam no Fórum: Cláudio Trindade, Joice Dias, Fernanda Bücker, Salus Loch, Rodrigo Finardi, Tatiana Ávila, Cem Cerimônia, Telos Cultural e Silvío Peter na coordenação.

DOMENICO DE MASI

# Às vésperas da guerra declarada entre a criatividade e a burocracia

Os primeiros sinais da massificação dos meios virtuais, nos anos 80, quando os computadores começaram a ampliar seu domínio na rede mundial da internet e conquistar os nichos domésticos após submeter os espaços profissionais, não faltaram previsões otimistas, eufóricas até, de que enfim, agora sim o homem disporia de tempo para dedicar-se ao lazer, ao “dolce far niente”, ao ócio, à preguiça.

O pensador italiano Domenico de Masi (\*) atreveu-se a surpreender o pensamento contemporâneo abordando o tema com uma tese polêmica no formato do livro “O Ócio Criativo”, editado em 2000, prescrevendo as delícias da sombra e água fresca para inveterados workaholics.

“Mas quem pode se dar ao luxo de ser criativo depois uma jornada pesada de 12 a 14 horas por dia?”, indagavam os mais incrédulos. De fato o que se viu, na realidade, é que nem tudo saiu como previam os profetas da novidade. Isto é, com toda a inovação tecnológica que embala o século 21, aparentemente o homem não aprendeu ainda a desfrutar do tempo ‘sobrante’.

Mesmo considerando que o “desorientamento” é a condição permanente do que é o ser humano, Domenico especula que lá por 2020 - daqui menos de uma década - será possível que a humanidade tenha condições de aprender a ser criativa para aproveitar as benesses que a ciência e a biotecnologia lhe ofertarão cada vez com maior generosidade. Nestes vindouros tempos de novos

benefícios - nos quais o trabalho, o estudo e o lazer poderão se confundir - quem elaborar atividades criativas conquistará, enfim, o sonhado ócio criativo.

Em sua apresentação, no 1º Fórum Político Nacional Unimed, do estudo “Perspectivas para 2020”, o italiano de 72 anos vislumbra avanços muito significativos transformando nossos dias daqui a nove anos. Neste cenário, projetado em um telão no Hotel Mabu, em Foz do Iguaçu, muitos tipos de câncer, a AIDS e o analfabetismo serão “debelados”, como verte do italiano para um português aveludado Bruna Lombardi, a atriz e poetisa que foi a mediadora mais vistosa do painel, lendo slides que De Masi projetou.

Tanto a inseminação artificial como a clonagem serão acontecimentos comuns; os transplantes de órgãos, naturais e artificiais, permitirão que se viva até os 100 anos de idade e com ótima saúde.

(\*)É professor de Sociologia do Trabalho na Universidade La Sapienza de Roma, e diretor da S3 Studium, escola de especialização em ciências organizacionais que fundou. Escreveu diversos livros, entre os quais se destacam: “Desenvolvimento sem Trabalho”, “A Emoção e a Regra” e o “O Ócio Criativo”

Domenico de Masi veio ao Brasil para participar do Fórum Político Unimed e visitou as Cataratas do Iguaçu



*Nilson Luiz May, Roberto D'Ávila, Domenico de Masi, Bruna Lombardi e deputado Lelo Coimbra*

Neste ambiente, a maioria das pessoas ficará velha mesmo apenas no

último ano de existência, quando gastará então em despesas farmacêuticas o que despendeu em medicamentos nos anos de vida anteriores.

Domenico sentencia: "Isso significa uma maior longevidade, vamos recuperar aquela faixa etária dos 50 a 70 anos, que atualmente havíamos inutilizado completamente. Graças à medicina, à cirurgia, à cirurgia plástica, graças à farmacologia, teremos resgatada uma faixa etária extremamente vital".

Os carros, movidos a hidrogênio, serão teleguiados; os bens de consumo terão a durabilidade quadruplicada e um chip, no tamanho de um neurônio, custará menos de 20 dólares e terá potência superior a um bilhão de transistores. No mundo das maravilhas da engenharia genética, se poderá trazer no bolso, em um chip, todos os filmes, livros e músicas do planeta. Na era da biotecnologia, evidentemente as tarefas manuais praticamente desaparecerão do Primeiro Mundo. Mesmo as lides intelectuais mais repetitivas serão executadas por máquinas, deslocadas para o Segundo e o Terceiro Mundo. Ou confiadas aos imigrantes dos países pobres.

Domenico não tem dúvidas: impulsionados pela motivação, os trabalhadores criativos trabalharão full time e full place - sem horário determinado nem local fixo.

Bruna continua lendo e traduzindo os slides de Domenico:

"Em 2020, a rede já terá transformado o mundo inteiro numa única praça capaz de conter todo o amor e todo o ódio do planeta. Poderemos entrar em contato com qualquer pessoa, em qualquer ponto do planeta através de celulares, computadores e redes, sem dar um passo sequer. Teleaprenderemos, teletrabalharemos, teleamaremos e nos teledivertiremos, correremos. Por isso, o risco de ficarmos obesos, devido à falta de movimento, e muito abstratos, pela falta de contato real e material com nossos semelhantes. Graças à cirurgia plástica, os corpos, os traços poderão ser modificados à vontade. Graças à farmacologia, todos poderão inibir os próprios sentimentos, exacerbar-los, simulá-los e combiná-los como desejam."

"Em 2020 cada pessoa poderá dispor de 400 mil horas de lazer. Esse tempo livre constituirá o problema mais atormentador: como ocupá-lo? Como evitar o tédio, a

***"Em 2020 muitas mulheres terão filhos sem ter um marido, enquanto que para os homens ainda não será possível ter um filho sem ter uma mulher, por essa razão também, as mulheres estarão no centro do sistema social."***

violência, as drogas? Como conseguir progredir intelectualmente? Isso tudo resulta-

rá em mais violência ou em mais paz social? E a violência será virtual ou real? Será portanto necessário se preparar para o tempo livre desde já, mais do que acostumamos a nos preparar para o tempo de trabalho."

"Em 2020 muitas mulheres terão filhos sem ter um marido, enquanto que para os homens ainda não será possível ter um filho sem ter uma mulher; por essa razão também, as mulheres estarão no centro do sistema social, irão gerenciar o poder com a dureza que provém das injustiças sofridas nos 10 mil anos anteriores. Os valores até hoje cultivados normalmente pelas mulheres - estética, subjetividade, emotividade, flexibilidade - serão dominados também pelos homens. Ambos irão compartilhar as atividades de produção e os cuidados; nos estilos de vida irá prevalecer a androginia".

Inquieto na cadeira reservada a moderador, o presidente da Unimed/RS, Nilson Luiz May, anota para exigir, logo depois quando puder indagar, esclarecimentos sobre "o gravíssimo problema que De Masi impôs aos homens com a declaração da inutilidade do homem para procriação".

"Em 2020 todas as tecnologias serão mais exatas do que poderiam exigir os que a utilizam, mesmo hoje os relógios de pulso erram apenas um milionésimo de um segundo por ano, conseqüentemente não interessará mais a já consolidação técnica dos objetos, mas apenas a qualidade formal deles. Os que se dedicarão às atividades estéticas, portanto, serão mais apreciados dos que se dedicarão às atividades práticas e a estética se tornará o principal fator competitivo."

Por tudo isto, De Masi aventura-se a insinuar que, neste contexto, o nosso país poderá ser uma espécie de paraíso. Com a vocação para a estética, as cores, a beleza, as mulheres, o Brasil está preparado para o futuro criativo, garante e assina embaixo, com seu rosto rosado, ar sorridente e jeito bonachão o especialista De Masi. Quem se arrisca a discordar?

De Masi faz uma derradeira advertência de natureza ética:

"Assim como a sociedade industrial foi muito mais honesta e menos violenta que a rural, a comunidade pós-industrial será mais honesta e menos violenta que aquela. Se quisermos ser bem-sucedidos, portanto, deveremos ser homens de bem". ■



"A América Latina não é um continente que fale só uma voz", sustenta Castañeda

JORGE CASTAÑEDA

## Brasil precisa assumir o seu papel

A caudalosa retórica de Hugo Chaves embala o imaginário da população de origem indígena da Venezuela, que costuma ouvir a voz presidencial rouca e desafiadora em suas longas reverberações, com atenciosa reverência. Isso, na interpretação bem-humorada do mexicano Jorge Castañeda, pode significar uma valoração desmesurada, comparável até às elevadas cotações da principal commodity da Venezuela, o petróleo. Para delírio contido de seus ouvintes no 1º Fórum Político Unimed do Brasil, o cientista político e ex-chanceler mexicano, ex-membro do Partido Comunista e assessor da campanha presidencial do direitista Vicente Fox, disse que, às vezes, as palavras abundantes do presidente são mais valiosas que o 'ouro negro' e, por implícito excesso, chegam a sofrer uma supervalorização. "Una sobreoferta", reforçou, durante a palestra em que permaneceu sentado no Fórum Político.

A comparação não é inoportuna, nem pode ser reduzida apenas a uma mera crítica gratuita ao chavismo, que Castañeda define com um governo 'neoautoritário' - do mesmo modo que o Equador, a Bolívia e a Nicarágua. Castañeda busca na origem e no papel das commodities

uma forma de parâmetro para discorrer acerca das distintas Américas que conhece e que podem ser divididas, a grosso modo, em dois grupos.

Um deles, mais ao norte, com o México, o Caribe e a América Central, é solidamente vinculado aos Estados Unidos. Outro, ao sul, com países de olhos e ouvidos voltados para o mundo, independe dos norte-americanos para sobreviver. O Chile negocia o pescado e o cobre. A Colômbia vende café, petróleo e carvão. A Argentina e o Uruguai, graças à invejável fertilidade agrícola do pampa, também exportam commodities, como o Brasil que semeia e colhe soja. Todos vendem para o mundo. Já os latinoamericanos do norte não exportam commodities (mas atuam com manufaturas, turismo e remessas de imigrantes) e nem estão incluídos no boom da demanda da China, pois vinculam-se basicamente aos EUA, o que significa ser, no linguajar de Castañeda, "aplastante" ou "muito positivo" dependendo, é claro, do ciclo econômico norte-americano.

Por estas duas características que a diferenciam internamente, a América Latina "não é um continente que fale só uma voz". Exemplo bem acabado desta falta de

unidade, para ele, está na disputa pelo cargo do expurgado diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, do qual dois candidatos mexicanos foram aliados porque a América do Norte já ocupa uma diretoria no Banco Mundial!. Como se o México pudesse ser representado pelos Estados Unidos...

Para Castañeda, erra feio quem pensa que o Brasil pode ser um líder mundial autorizado por seu papel destacado no continente latino-americano. A ele parece que o país não está lá muito disposto a assumir responsabilidades no concerto maior das nações do Primeiro Mundo, no qual interessa menos respeitar soberanias alheias do que atentar para um regime jurídico internacional mais robusto e rigoroso acerca de questões como o respeito aos direitos humanos e as conquistas das mulheres, a não proliferação de armas nucleares, o controle das emissões de gases tóxicos e a preservação da natureza.

Para ser um líder mundial o Brasil precisa assumir atitudes internacionalistas e abandonar posições sensíveis - como a ideia de que todo país tem direito às decisões internas soberanas, independente do dano que possa causar às pessoas ou ao meio ambiente.

Segundo Castañeda, Brasil e México são parecidos neste posicionamento em que seus governos oscilam entre sentimentos da opinião pública de país em desenvolvimento e a necessidade de avançar e assumir papel no âmbito internacional. "Como este papel ainda não está bem claro, acabamos paralisados", assinalou.

Isto é, para Castañeda, se quiser ser liderança respeitada no mundo, é bom o Brasil se envolver, sim, na brigas alheias. Nesta concepção, um líder não fica assistindo os vizinhos engalfinharem-se. Mas mete a colher, contrariando o ditado que recomenda distância quando a refrega é entre marido e mulher.

Em outra intervenção, Castañeda sugeriu, como uma das alternativas ao combate das drogas, a "legalização do ilegal" - que chegou a ser vista como a defesa da descriminalização das drogas como sempre ocorre em um tema que é recorrentemente alçado à imediata condição de polêmica. No Brasil e no mundo, Castañeda considerou apenas equivocada a política de enfrentamento feita até agora, no México, com base na repressão e na violência, que têm causado mais mortes que muitas guerras militares. "Foram mais de 40 mil mortos em cinco anos, o que é superior às mortes no Vietnã. Gastou-se mais de 5 bilhões de dólares. Praticou-se abuso quanto aos direi-

tos humanos. E a imagem do país que é turístico ficou deteriorada", salientou, acrescentando que o território mexicano virou trânsito de drogas, embora não produza e consuma muito pouco. "As drogas não nascem ilegais", sustentou. ■

### DE DIREITA NÃO!

"Quando me perguntam se sou de esquerda ou direita, digo que de direita não sou. Até porque sempre advoguei nas mesmas causas: direitos humanos, democracia, redução da desigualdade. Ainda hoje, porém, temos na América Latina uma direita conservadora e autoritária - que apenas em raros casos consegue, mesmo assim, ser progressista como temos visto na Colômbia atualmente".

### PATO MANCO

"A menos que a presidente Dilma Rousseff controle o PT com mão forte, ela reforçará a impressão de que poderia ser uma presidente interina, apenas aguardando pela reeleição de Lula em 2014. Interinos rapidamente se tornam 'patos mancos' (expressão americana para políticos em fim de mandato, sem poder político significativo)".

### ATIVA X ARCAICA

A tendência de Lula foi agir mais como um líder do Terceiro Mundo do que como o de uma potência mundial. Mas ele adorava a ovação no palco mundial e gostava de desprezar Washington - às vezes com razão, às vezes não. Será que Rousseff será tão ativa quanto, ou tão arcaica? O melhor palpite: não para a primeira pergunta, sim para a segunda". ■



Jorgen Lange, Roberto D'Ávila, Jorge Castañeda e Eudes Aquino

# Unimed do Brasil O PENSAMENTO E O PODER



“O pensamento e o poder”: combinação que se expressou na fala de Hans Donner

HANS DONNER

## Doses de sonho e porções de concretude

O que uma palestra de Hans Donner, designer afamado pelo moderno padrão visual da TV brasileira e conhecido também por desposar sua criação cognitiva mais bela - a modelo que encarna a Globeleza - tem a ver com um fórum político que, ainda por cima, é promovido por entidades de médicos?

Se se fosse considerar pelo atributo formal credenciando-o como “o designer da maior audiência do planeta”, poderia se dizer que tinha bem pouco a ver com os interesses dos doutores e convidados reunidos dia 18 de maio em Foz do Iguaçu.

No entanto, ao se tratar de “O lado humano na inovação”, nome identificador do painel 2, daquela tarde, como uma provocação mais profunda à meditação pragmática, que empolgou os mediadores e encantou a plateia, a trajetória profissional de Donner tem tudo a ver com uma proposta de se especular sobre o pensamento e o poder.

Descontando a adjetivação superlativa digna do marketing da Rede Globo, a qual usa e abusa sem parcimônia, e a gabolice egocêntrica própria do glamour do meio platinado, Donner comprova, com seu próprio exemplo, que a paixão move montanhas, quando dire-

cionada tenazmente à labuta que viabiliza com todas as forças do corpo e da alma os sonhos mais difíceis que se pode imaginar.

Foi a pura e simples paixão pelo futebol brasileiro que mobilizou o juvenzinho europeu, filho de pai alemão e de mãe austríaca, empurrou-o intensamente atrás dos seus sonhos, a ponto de fazê-lo transpor um continente e aqui, no nosso país, exercer a criatividade pessoal em sua totalidade estendida ao trabalho inovador, frutificado em sucesso absoluto no Brasil e fora dele.

E, absolutamente, não é por acaso que a logomarca da TV Globo mostre um desenho arredondado que lembra uma bola de futebol - mesmo que quando tenha sido gestada, nos desenhos garranchedos em um guardanapo de avião sobrevoando o Oceano Atlântico, Hans mal soubesse o que estava fazendo, pois a emissora ainda não tinha vínculos com futebol naqueles idos sessentistas como tem nos dias de hoje.

Em 1958, aos 10 anos, ao assistir a seleção brasileira de futebol de Pelé e Gilmar conquistar a Copa do Mundo em 1958 na Suécia, o menino apaixonou-se, súbita e avassaladoramente, pelo Brasil. Tratou de encarnar o goleiro Gilmar, resignando-se a que o irmão

*Depois de ouvir a palestra global, o sociólogo italiano Domenico de Masi disse que a criatividade está no equilíbrio entre as doses de sonho e as porções de concretude.*

**Uns têm mais fantasia, outros mais concretude. É a nossa sina, dos simples mortais, não saber conter uma dose precisa nem diminuir a porção exata.**

mais velho representasse o Rei do Futebol nos embates dos fedelhos no fundo do quintal caseiro. Aos 25 anos veio decidido a conquistar a nação estrangeira de cores tão vivazes, imagens ensolaradas e mulheres de pele achocolatada.

Encantou os gênios da comunicação que operacionalizavam, em meio à ditadura militar a partir de 1965, o gigantesco império de Roberto Marinho. Mas não foi da primeira vez que o empregaram para exercer a profissão mais bem paga da América Latina, como auguriara o fotógrafo David Zing, abismado com o talento e a arte do designer. Nove meses depois de ter retornado carregando a frustração do insucesso de volta para casa na Europa, Hans decidiu não desistir e voltou ao Brasil. Desta vez, providencialmente anunciado em colunas sociais ("famoso designer europeu desembarca no Rio de Janeiro com a nova logomarca da rede Globo"), foi recepcionado de braços abertos e tapeçaria escarlate pelo jet society tupiniquim. "E eu era absolutamente desconhecido", brinca, hoje.

Não seria necessário estender-se saltitante no palco, pelo tempo de um match futebolístico, de uma hora e meia, e encerrar sua apresentação com uma foto da família, com a mulher modelo e os dois filhos, e um solerte beijo no coração de todos, para adivinhar o êxito dolarizado do diretor de arte que se seguiu pelos tempos posteriores.

De fato, na apresentação emotiva que resgatou históricas revoluções visuais com vinhetas e aberturas de programas, novelas e telejornais que surpreenderam a todos os telespectadores da TV Globo, Donner mostrou competência e simpatia.

A lição da carreira privilegiada, que ele define como uma missão de acrescentar o belo ao tempo - sublinhada no relógio projetado a partir da logomarca que é a maior criação - é que no ritmo do entretenimento também vale, sobretudo, a aposta dedicada na persistência do propósito.

Depois de ouvir a palestra global, o sociólogo italiano Domenico de Masi disse que a criatividade está no equilíbrio entre as doses de sonho e as porções de concretude.

Uns têm mais fantasia, outros mais concretude. É a nossa sina, dos simples mortais, não saber conter uma dose precisa nem diminuir a porção exata.

Hans Donner tem o talento superior de transformar imensos sonhos em geniais concretudes. ■

## O MUNDO DE EDGAR MORIN

"Oh, sim, uma nova política é possível", exclamou Edgar Morin, em ótimo portunhol, ao receber a revista Pensar com esta manchete de capa. Irradiando felicidade e simpatia, o grande

filósofo francês proferiu, por 90 minutos ininterruptos, na noite de 8 de agosto no Salão de Atos da UFRGS em Porto Alegre, a maior palestra da história do Fronteiras do Pensamento.

Na ótica do pensador, que tenta fazer um diagnóstico das diversas crises da humanidade, coisas positivas já começaram a acontecer em diferentes partes do mundo. Morin, que aos 90 anos se diz com a mesma motivação dos seus 20, dispara, sem receio: "Não perdi minha inspiração, só a ilusão. Não me preocupo só com a França ou com a Europa, mas me sinto ligado ao destino do mundo." Para ele, não há fórmula mágica: "Não se pode pensar que um sistema vai resolver tudo. É preciso abandonar a ideia do melhor dos mundos, para fazer um mundo melhor", completa o pensador.



Mohamad Akl, Bruna Lombardi, Hans Donner e Mauri Raphaelli

ROBERTO FREIRE

# Fim das utopias, perda de valores

Para ser “de esquerda” nos dias de hoje basta dedicar-se a uma prática voluntária alimentando o solidarismo que acalenta o próximo? Ser “de direita” significa algo completamente adequado à descrição de um conservador moderno, pouco indiferente às agruras alheias?

Nem o deputado Roberto Freire, com uma bagagem pesada acumulada em 69 anos de vida, das quais mais de quatro décadas vivenciadas no âmbito público, sabe definir mais com a clareza que tinha no século passado o que é um lado e outro deste referencial surgido nos rastros da Revolução Francesa, que opunha proletários e burgueses, e vai sendo sepultado junto com as grandes utopias e velhas ideologias, submersas diante da realidade contemporânea.

Se a dicotomia é muito confusa, também é difícil identificar o que é moderno e que o se encerra em uma era temporal determinada. Freire supõe que o moderno ou o contemporâneo iniciou no final dos anos 1960, nas passeatas dos jovens de maio de 68 em Paris, e invade os nossos tempos através de um processo ainda hoje em transição, mas que está assentado em uma premissa básica na qual atualmente é o conhecimento que gera riqueza, mais que o capital e o trabalho da configuração anterior.

O desafio maiúsculo dos indivíduos e de algumas instituições - como, por exemplo, os sindicatos e os próprios partidos políticos, todos ameaçados de extinção, inanição ou morte - é: como se adaptar à nova realidade sem ser prisioneiro do passado? “A sociedade se organiza de modo diferente. E mobilizações similares às ‘Diretas já’, com passeatas de rua e comícios em praças públicas motivados por partidos, hoje são organizados pela internet mesmo em países remotos sem democracia”.

Esta confusão conceitual, que lhe parece generalizada no mundo, justifica que no Brasil uma agremiação

caracteristicamente de esquerda como o PT alcance o poder para promover um governo de direita. “A direita nem precisa mais de partido, pois está representada no governo petista”, alfinetou, para a contrariedade do prefeito de Foz do Iguaçu, Paulo Mac Donald Ghisi, que retorceu-se na poltrona. Freire passa então para o que chama de símbolo de contradição do mundo, ainda maior que a sucedânea petista nacional.

A eleição de François Mitterrand à presidência da França. Em 1981, escolhido para representar uma frente popular apoiada pelos comunistas, ele venceu nas urnas, assumiu o poder e estatizou o país, iniciando o processo pelo sistema bancário. Menos de um ano depois, o mesmo Mitterrand tratou de desfazer tudo, implodido por crise política considerável. “A prática estatizante já estava atrasada em relação à realidade que mudava mas que a esquerda não



*Para Freire, “a direita não precisa mais de partido, pois está representada no governo petista”*



Orestes Pullin, Roberto D'Ávila, Roberto Freire e deputado Dr. Ubiali

percebia. Em Porto Alegre, no final dos anos 80, o prefeito Olívio Dutra também estatizava os transportes e logo era forçado a refazer tudo. Acho que não era questão de capacidade de um e outro, mas de afronta à nova realidade”, acentuou.

O grave para ele é que - com raras exceções como Fernando Henrique Cardoso - a esquerda não percebeu que o mundo se modificava, conjuntural e irreversivelmente.

Na Espanha, localiza outra especificidade: o primeiro ministro Felipe Gonzalez viu isso e tornou o país detentor de uma economia moderna. No Brasil da Bolsa Família de Lula, que nada muda para o futuro mas se limita a uma compensação imediata e passageira, a esquerda continua vesga, estratificada e reacionária, que defende relações passadistas ultrapassadas e impede o surgimento do novo. Está cega diante do surgimento de novas instituições em uma sociedade que clama pela interação na rede de computadores e alimenta uma crise, confusa e sem ideologia, com a perda total de valores. Exemplo maior, o ministro chefe da Casa Civil, Antônio Palocci e suas inexplicações para o aumento do patrimônio pessoal. “É o símbolo de uma esquerda que se perdeu no poder sem definir o futuro e sem apontar soluções para o cidadão e o país”, repete.

Na linguagem aproximada à medicina, Freire diagnostica uma situação de doença, mas não em caráter terminal porque não resultou em uma necessidade insuprimível de

reforma política, ainda no âmbito da especulação.

Enquanto o momento de ruptura não chega com a inevitabilidade do agravamento geral da representação política, o parlamentar prega uma atitude reflexiva estratégica com ampla abordagem conjuntural, esquecendo-se até as desavenças partidárias. Perde-se menos tempo questionando se Dilma vai governar diferente de Lula (“um pop star que sequer respeitou os direitos humanos”, na toada predileta de Freire) do que exortando à reflexão amparada por fóruns do quilate do da Unimed, que permitem a acidez partidária mas admitem a sondagem de utopias. Ao final, Freire parece capitular, mesmo citando Karl Marx. “O reino da necessidade pelo reino da felicidade” (Ou da Liberdade, no original marxista). Isto é, o homem pode ser feliz por trabalhar não apenas por necessidade mas porque isto o torna um ser humano melhor”. ■

*“O desafio maiúsculo dos indivíduos e de algumas instituições - como, por exemplo, os sindicatos e os próprios partidos políticos, todos ameaçados de extinção, inanição ou morte - é: como se adaptar à nova realidade sem ser prisioneiro do passado?”*



**Nilson Luiz May -  
Presidente da Federação  
Unimed/RS**

"Toda a história que nos remete para este 1º Fórum Político Nacional precisa necessariamente ter um resgate do seu passado. No ano de 2001, em Canela, fizemos um evento que teve a participação do governador do Estado na época, Olívio Dutra. E este evento propunha a criação de um Fórum, de um Conselho Político para a Unimed, para a Federação, para o Sistema Unimed no RS. Lá se resgatava um erro. Uma falta de compreensão daquilo que se dizia na época do princípio do cooperativismo que era a neutralidade política. Todo mundo entendia isso de uma maneira equivocada. Neutralidade política nunca significou a não participação na política de maneira geral. Porque se não houvesse esta participação não teríamos acesso ao parlamento, ao congresso, ao relacionamento com os políticos, que podem mudar os rumos do cooperativismo. Em 2001 criamos uma 'Odisséia no Espaço', aquilo que se formatou como um Conselho Político. A partir deste conselho promovemos o Café da Manhã com Política com a participação, e com a discussão não só com políticos. Mas com cientistas, filósofos, historiadores, escritores que têm vindo compartilhar conosco, ao longo desta jornada, discutindo as questões da macro política. A consequência disto tudo foi o Fórum Político. Seis edições no RS, sendo o sétimo ainda neste ano de 2011. Agora expandimos isso e a Unimed do Brasil "comprou" esta ideia."

**Eudes de Freitas Aquino -  
Presidente da Unimed  
do Brasil**

"Quero agradecer a todos vocês neste momento em que se encerra o 1º Fórum Unimed do Brasil. Gostaria também de publicamente declarar que este fórum já ocorria, alguns já sabem disto, em Porto Alegre, como uma realização da Federação das Unimeds do Rio Grande do Sul e durante seis anos consecutivos. Em conversa com o dr. May, presidente da Federação, nós combinamos fazê-lo em caráter nacional. Este é o primeiro e eu acho que, pelas reações colhidas e depoimentos espontâneos, ele se revestiu do sucesso que esperávamos, em alguns aspectos até superou as expectativas. Há o compromisso interno da Unimed Brasil de fazê-lo sempre em Foz do Iguaçu, então os senhores já estão convidados, no ano que vem, e para a alegria do prefeito, estaremos de volta, invadindo Foz do Iguaçu. Eu quero agradecer de público, aqui, a colaboração do Silvío, da área de Comunicação da Federação do Rio Grande do Sul, que está aqui presente, e do nosso grande companheiro Alcides, que deveria também estar falando aqui, hoje. E eles merecem aplausos. Foram eles que montaram. A gente só acompanhou, deu palpite e atrapalhou. Enfim, muito obrigado pela presença. Amanhã inicia o Conai, outro evento, outro perfil, agradecemos aos colaboradores que abrilhantaram nosso evento, os deputados que se fizeram presentes e toda a família de médicos. Muito obrigado".



**Carlos Mânica –  
Presidente da Unimed  
Alto Jacuí**

"Este é um momento histórico para a Unimed. com a realização deste Fórum nacional. É a maneira que a cooperativa está encontrando de se inserir neste cenário político e ter suas aspirações atingidas em nível nacional".



**Vera Armando – Mestre  
de Cerimônias**

"Tenho a oportunidade de participar desde a realização do primeiro Fórum Político. E tem sido uma experiência gratificante. Mas por que se falar em política quando a Unimed tem como foco prioritário a saúde? Se entendermos a política, saberemos por que a saúde no Brasil está como está, daí a importância da Unimed. O Fórum cresce a cada ano pois vem atingindo seus objetivos. A cada Fórum se aumenta a expectativa com relação aos palestrantes, que são grandes personalidades, que trazem opiniões fortes, muitas vezes contraditórias com a platéia. E isso instiga o debate, o que é muito interessante".



**Orestes Barrozo  
Medeiros Pullin –  
Presidente da Unimed  
Mercosul e Federação  
do Paraná**

"O Sistema Unimed está avançando bastante na questão de discussão política do Sistema. Para a Federação do Paraná, sediar esta discussão no primeiro evento da Unimed do Brasil é uma satisfação muito grande. Esperamos que a gente possa avançar ainda mais nesta discussão política, que certamente traz ao Sistema Unimed um acréscimo muito grande, não só na sua organização interna, como também na sua relação com a classe política, com os Poderes Legislativo e Executivo. O evento superou as expectativas, com a participação maciça das Unimeds do Brasil."



**Aucélio Gusmão -  
Presidente da Federação  
Unimed Paraíba**

"O homem é um ser político, e devemos ter a consciência de que o Sistema precisa estar inserido de forma proativa nesta discussão política, buscando encontrar caminhos e soluções criativas para as demandas que a sociedade espera e precisa. E este Fórum teve um papel fundamental".



**Bruna Lombardi –  
Atriz e escritora**

"Para mim é uma honra estar presente num Fórum no qual se debatem pensamentos interessantes, se conhecem pessoas interessantes. E sobretudo participar desta grande família que é a Unimed, pois uma das qualidades que admiro muito neste Sistema é o espírito cooperativista. A gente olha para a Unimed e vê que é possível. É uma grande força. Os dois pilares de uma nação são a educação e a saúde. E eu imagino o quanto a Unimed colabora para a saúde e consequentemente para todo o resto. Acredito muito em valores. Acredito muito em buscar a qualidade de vida dentro do caos em que muitas vezes somos forçados a viver. E como compensar isso com uma força interior? Construir uma escala de valores, acreditar nela e fazer isso no resto de sua vida é um bom começo".



**Nilso Zaffari – Vice-  
Presidente de Coordenação  
das Relações Estaduais  
da Federação Unimed/RS**

"Não foi surpresa para mim o que aconteceu aqui em Foz do Iguaçu. Quem acompanhou os seis fóruns realizados pela Federação Unimed/RS, sabe com quem está lidando."

**Alcides Mandelli Stumpf - Diretor do Instituto Unimed/RS**

"A sensação deste Fórum Nacional é de reconhecimento e bem-estar. As mensagens normalmente discutidas nestes eventos acabam se perdendo no tempo e dificilmente no Brasil um Fórum dura sete anos consecutivos. Há o primeiro, o segundo e depois troca de nome ou troca de tema. Eu já assisti uns dez primeiros "fóruns de alguma coisa". Dificilmente vi o segundo, e acho que nunca presenciei o terceiro. Este reconhecimento da Unimed do Brasil, depois de seis fóruns realizados no Rio Grande do Sul, mostra que os objetivos são claros e estão influenciando na dinâmica da política. Estão reforçando a representatividade política da Unimed."



**Luiz Sérgio Fettback - Presidente da Unimed Cascavel**

"Para nós o Fórum representa o avanço. Sempre se busca dentro da Unimed um conhecimento e, principalmente, uma atividade política. Este evento traz ao Brasil e ao Paraná uma grande oportunidade para cada um de nós crescermos como seres humanos. Tanto para a nossa Unimed de Cascavel e para todo o Sistema esta consciência política que a Unimed vem tomando é, sem dúvida, um grande avanço."



**Simone Luna - Unimed Maceió e Federação Unimed Alagoas**

"O Fórum Político é uma ferramenta de aproximação nacional do Sistema, buscando a articulação de todos nós para que avancemos, e, especialmente, para que consigamos nos manter como operadora. Temos de manter a união para seguirmos fortes, e este evento nos oferece esta oportunidade".



**Luciane Pacheco - Cem Cerimônia (Empresa Organizadora do Evento)**

"Acompanhamos os Fóruns da Unimed desde a sua concepção. O que vimos ao longo dos anos é a evolução dos temas abordados, bem como a participação do público. Como estamos sempre acompanhando os bastidores, podemos notar o crescimento da instituição Unimed e também da nossa empresa ao longo dos últimos sete anos. Este debate amplo proporciona à sociedade não apenas o foco sobre a política ou sobre a medicina, mas um olhar ao universo holístico".



**Euclides Malta Carpi - Presidente da Federação Unimed Rio de Janeiro**

"É fundamental a inserção histórica da Unimed nas discussões de temas que tratam da saúde nacional. O Fórum Político é um marco para o Sistema, pois amplifica nossa proposta e desafio. Nós, da Unimed, temos a preocupação de mantermos uma linha de aproximação com o cenário político brasileiro. Nossas ações eram feitas separadamente. Agora, com a centralização destas discussões, será bastante proveitoso para colocarmos a imagem da Unimed neste contexto".



**Euclides Reis Quaresma - Presidente da Unicred do Brasil**

"A proposta deste Fórum, iniciado há seis anos no RS – e que contou desde o princípio com nosso apoio – é de vital importância para discutirmos os rumos da saúde suplementar no Brasil. Encaminho, assim, o abraço e os cumprimentos da Unicred para os realizadores e promotores."

**Mohamad Akl – Presidente da Central Nacional Unimed**

"Foi um evento muito bem organizado. Atingiu os objetivos propostos. Vieram aqui cerca de 600 pessoas. E tenho certeza que, sendo o primeiro evento com o sucesso que teve, deverá ter continuidade. Os temas foram muito abrangentes e nos trouxeram conhecimentos em diversas áreas. Os dirigentes das Unimed que aqui estiveram ganharam muito com este evento. O exemplo do Rio Grande do Sul, com a realização de seis fóruns, deve ser seguido por outros Estados. Acredito que a Unimed do Brasil deva fazer o segundo Fórum Nacional e pode ser aqui em Foz do Iguaçu novamente. Precisamos ter conhecimento, trocar informações e pensar o Sistema Unimed sempre."



**Fabio Trombini Griesbach - Presidente da Unimed Foz**

"Para Foz do Iguaçu receber um evento de tamanha envergadura, é motivo de grande orgulho. É uma oportunidade para mostrar mais do que nossas belezas naturais; nosso capital humano e força de trabalho a serviço da saúde do Oeste do Paraná. Parabéns à Unimed do Brasil pela iniciativa, que sem dúvida, é de fundamental importância à classe médica e ao País."



**Rosane Oliveira – Editora de Política do Grupo RBS**

"Em primeiro lugar, sou fã de debates, que são essenciais na democracia. É importante trocar ideias e que conheçamos pensamentos diferentes dos nossos. Sou uma admiradora do trabalho da Unimed no Rio Grande do Sul, que vem, há vários anos, promovendo estes debates e inclusive fui palestrante de um deles. E vendo o sucesso deste Fórum Político da Unimed do Brasil, nesta mistura de sotaques, ouvindo ideias que aparentemente não têm nada a ver com a atividade principal da Unimed, acho sensacional. Afinal, tudo é política em nossa vida."



**Roberto D'Ávila – Jornalista**

"A Unimed teve a ideia muito boa de realizar estes fóruns sobre pensamento, cultura e outros temas. No caso específico deste sobre o Pensamento e o Poder, particularmente fiquei bastante interessado. O exercício do poder sem o pensamento é o exercício da mediocridade."



**João Mairton Pereira de Lucena - Presidente da Unimed Fortaleza**

“Um dos principais ensinamentos deste Fórum é que, como representantes das Singulares da Região Nordeste, precisamos nos aproximar mais dos Poderes Públicos, especialmente do Legislativo. Estamos muito focados em gestão e esquecemos de atuar politicamente. Levo este ensinamento comigo – e vou repassar para nosso grupo de comando. Parabéns à Unimed do Brasil por abrir este espaço de discussão”.



**Mauri Aparecido Raphaelli – Diretor da Seguros Unimed**

“Particpei de dois fóruns no Rio Grande do Sul e sempre achei o formato muito interessante. Agora, que se reveste nacionalmente com todo o Sistema Unimed, se tornou mais abrangente e, do meu ponto de vista, mais holístico do que os outros. Esse borbulhão de ideias que vimos aqui é muito importante e interessante. Tem que ser repetido todo ano, e até, se possível, discutir mais vezes. Este evento tem que ser eternizado no calendário do Sistema Unimed.”

**Lelo Coimbra – Deputado Federal (PMDB do Espírito Santo)**

“Em primeiro lugar, o mais importante foi a reunião de tanta gente boa da Unimed de todo o Brasil disposta a pensar, formular e discutir ideias. E em segundo lugar, a escolha de quatro palestrantes espetaculares. Mostraram como a gente pode, deve e necessita sair do cotidiano, da mesa de trabalho, para ver como as pessoas, através da criação e do pensamento, transformaram suas vidas. Esse 1º Fórum Político da Unimed Brasil merece nossos aplausos pelo qualidade do que foi produzido. Foi um dia curto, mas muito robusto do ponto de vista do que dentro dele foi colocado”.



**Alexandre Augusto Ruschi Filho - Diretor-técnico da Seguros Unimed e Presidente da Federação Unimed Espírito Santo**

“Um evento de absoluta relevância, não só pela temática, mas pelo momento importante que o Sistema Unimed passa. Trazer a política ao cerne da questão dentro do Sistema Unimed, das suas demandas, das suas necessidades, das suas realizações, é fundamental para que a gente possa não apenas redesenhar um novo modelo, mas especialmente aproveitar este modelo para transmitir as nossas realizações, para mostrar as nossas experiências e certamente fazê-las serem absorvidas de forma positiva pela sociedade brasileira.”



**Mauro Muíños de Andrade – Presidente da Federação Unimed Bahia**

“Nós temos que estar muito próximos das coisas que acontecem na política do Brasil. Se a gente não participa deste tipo de evento de qualidade, não conseguiremos trabalhar juntos para a nossa sociedade. Hoje é uma necessidade a união das Federações da Unimed na discussão dos aspectos políticos, para podermos acompanhar a evolução dos novos tempos. Este evento atingiu 100% nossas expectativas, e até um pouco mais. Os temas propostos e discutidos nos fazem refletir até onde podemos chegar”.



**Domingos Silva Lavecchia - Presidente da Federação Unimed Nordeste Paulista**

“Um evento fantástico com a discussão de tantos temas importantes. É fundamental o Sistema Unimed se envolver e participar de um processo como este, à medida que isso traz a luz e o conhecimento de outros pensamentos, até para mudarmos o foco tradicional do nosso dia-a-dia.”



**Jauro Soares – Diretor da Federação Unimed Santa Catarina**

“Esse Fórum Político é extremamente importante para todas as Singulares e Federações, para ampliarmos os nossos horizontes. A ideia é sensacional, deve perdurar e, a cada ano, ser mais aprimorado. Estou satisfeito com esta participação que irá, com certeza, alavancar novos horizontes para o Sistema Unimed do Brasil”.



**José Cláudio Ribeiro Oliveira - Assessor Jurídico da Unimed do Brasil**

“Um evento excelente, numa experiência que começou no Rio Grande do Sul e que, pela importância e relevância, foi alçada para nível nacional. Não poderia ter tido uma repercussão melhor. O Sistema Unimed muitas vezes não consegue aproveitar as boas oportunidades que tem. E este Fórum Nacional ficou compatível com a grandeza do Sistema Unimed. Para um sistema grande, precisamos de eventos desta natureza.”



**Humberto Jorge Isaac – Presidente da Fesp - Federação das Unimed de São Paulo**

“O Sistema Unimed precisava, através da Unimed do Brasil, se organizar num Fórum Político Nacional e fazer uma concentração do poder de convencimento, através dos parlamentares, que não fosse apenas localizada em alguns Estados. Gostaria de fazer os cumprimentos ao Dr. Eudes por este evento e dizer que nós passamos um dia de grande aprendizado. O que foi tratado aqui vai ser inesquecível nas nossas lembranças de eventos. Este evento foi muito bem-sucedido, e o Sistema Unimed passa a ocupar um lugar que nunca se pensou que seria ocupado.”



**Marco Aurélio Ubiali - Deputado Federal (PSB de São Paulo)**

“Este Fórum é uma forma de esperança. O Legislativo precisa ajudar o cooperativismo médico a não ser prejudicado pelas ações que o Executivo toma através da Agência Nacional de Saúde (ANS). O governo precisa ver como o cooperativismo é: uma associação de pessoas, em busca de otimização de seus valores, para gerar trabalho a estas pessoas”.

# Momentos do Fórum

O presidente da Câmara Federal, deputado Marco Maia, enviou à produção do evento, para manifestação inaugural dos trabalhos, depoimento em vídeo, pois estava na Coréia do Sul, representando o parlamento nacional em encontro de lideranças mundiais.

“É um privilégio falar da Unimed, a maior cooperativa de médicos do Brasil, que tem o meu respeito e de toda a sociedade brasileira. Todas as ações na área de saúde são vitais para o desenvolvimento do País, com qualidade de vida e melhores condições à população. Parabéns Unimed. Contem conosco”. ■



Mohamed Akl, Bruna Lombardi, Hans Donner, Mauri Raphaelli e Valéria Valenssa



Comitê Político Nacional do Sistema Unimed se reúne durante o Fórum



Parceria produtiva: 1º Fórum Político Nacional foi realizado juntamente com o 13º Conai

# Saúde, turismo, parlamento e combate à miséria

Tão variado cardápio de temas de interesse da comunidade riograndense dão uma dimensão adequada da proposta do café da manhã com política que a Unimed/RS promoveu em seu auditório durante três manhãs de sextas-feiras neste semestre, possibilitando a atualização, a reflexão e o diálogo entre médicos e convidados, geralmente gestores públicos.



Em 18 de março, o secretário estadual da Saúde, Ciro Simoni, se mostrou otimista na expectativa de que nos próximos quatro anos a área vai poder comemorar a destinação do repasse constitucional de 12% da receita tributária líquida do bolo orçamentário do Estado, pulando do patamar dos 6% onde está estacionado nos últimos dois governos estaduais. "Não se salta de 6% para 12% de uma hora para outra, mas ao longo dos quatro anos, pois o governador Tarso Genro já disse que devermos evoluir neste sentido", sustentou.



No mesmo dia, na segunda parte do evento, a secretária estadual do Turismo, Abigail Pereira, falou do projeto "Turismo de Saúde" - que integra parceria da pasta - abrangendo os destinos com estrutura com hospedagem e alimentação focada na promoção do bem-estar e qualidade de vida, dotados de centros de SPA, como resorts e hotéis ou estabelecimentos com "day spa". E também locais com atrativos naturais com fontes hidrominerais e termais. "Todos precisam, entretanto, de infraestrutura geral, de apoio ao turismo e também especialmente serviços e equipamentos médico-hospitalares. E nisto nos destacamos já que a medicina gaúcha é uma das mais respeitadas no país e no exterior", acentuou.



No dia 15 de abril foi a vez do deputado Adão Villaverde, presidente que assumiu a Assembleia Legislativa em 2011 - primeiro ano da 53ª Legislatura que pela primeira vez tem uma gestão compartilhada reunindo os chefes do poder dos quatro anos, através de um comitê gestor. Villaverde (PT) também falou do Programa Destinos e Ações para o Rio Grande que o Legislativo promove em parceria com a Câmara Federal. Villaverde expôs detalhes do programa amparado em três pilares básicos (grandes deba-

tes, audiência públicas no interior do Estado e eventos estratégicos) e que tem como fio condutor a disposição da Legislatura de recolocar o Parlamento como protagonista no centro das decisões políticas do Estado, conquistando legitimidade junto à população.



O último encontro do semestre, realizado no dia 15 de junho, também instituiu um novo formato no evento desmembrado no café servido no quinto andar, e na exposição no auditório, um pavimento abaixo. Ali, o secretário estadual do Trabalho e do Desenvolvimento Social, Luis Augusto Lara, abordou as estratégias do governo estadual para combater a miséria extrema dos gaúchos e eliminar a fome no território riograndense. Segundo Lara o planejamento da STDS prioriza o que o titular da pasta chamou de "inclusão produtiva do cidadão e superação da pobreza extrema".

A fala marcou a abertura do Seminário Estadual de Gestão da Responsabilidade Socioambiental do Sistema Unimed-RS. Durante toda a sexta-feira, colaboradores e dirigentes de Filiadas do Estado acompanharam a programação do evento, cujo foco foi promover a atualização de conceitos e práticas de gestão da responsabilidade social com vistas à sustentabilidade. ■

SUA CASA PODE TER  
UM, DOIS OU TRÊS  
QUARTOS. AS PAREDES  
PODEM SER BRANCAS  
OU COLORIDAS.  
NELA, VOCÊS PODEM  
PASSAR ALGUNS ANOS  
OU A VIDA TODA.



Quando seu projeto de vida começa a ser concretizado, é hora da Seguros Unimed fazer parte dele. Conheça nossos seguros de vida, saúde e planos de previdência.

[www.segurosunimed.com.br](http://www.segurosunimed.com.br)

• Seguros de Vida • Seguros Saúde • Previdência Privada

SEGUROS  
**Unimed** 

Cuidado inspirado em você.

## Contagem regressiva para 2012, Ano Internacional das Cooperativas



# O PLANETA COOPERATIVO

Conheça a maior ONG do mundo: a Aliança Cooperativa Internacional (ACI)

Por Silvio Peter

A ONU (Organização das Nações Unidas) proclamou 2012 como o Ano Internacional das Cooperativas, anunciando também seu tema: "As empresas cooperativas ajudam a construir um mundo melhor".

O anúncio precipitou a total mobilização da Aliança Cooperativa Internacional (ACI) em todos os continentes, motivada pelo maior reconhecimento público sobre a importância das cooperativas, desde o seu surgimento, em 1844, em Rochdale – Inglaterra.

A decisão, inédita na história, foi comemorada pela presidente da ACI, a inglesa Pauline Green: "Essa é a oportunidade de assumirmos uma multiatuidade regional, nacional e global com uma mensagem comum e um único propósito: mudarmos nossa visibilidade e influência como modelo de empresa, cumprindo o desafio da nossa geração de criar e desenvolver movimentos cooperativistas no século 21".

"Cooperativas são empresas com alma", gerando mais de 100 milhões de empregos ao redor do mundo, mais do que todas as empresas multinacionais juntas!, informa o seu site na internet ([www.ica.coop/al-ica/](http://www.ica.coop/al-ica/)).

### LANÇAMENTO SERÁ EM NOVEMBRO, NO MÉXICO

O lançamento do Ano das Cooperativas será feito na Assembléia Geral da ACI, em Cancún, México no período de 14 a 18 de novembro de 2011. O enfoque da ACI será "alavancar" uma campanha de conscientização pública. A prioridade da ACI será atingir o público em geral através de uma mensagem comum em várias formas: nas comunicações e no marketing, nas embalagens dos

produtos, nas vitrines dos pontos de venda, boletins, revistas, relatórios anuais e websites dos membros da ACI, durante o ano de 2012.

### "MARCA É A CHAVE"

A campanha de sensibilização da marca cooperativa abarca a mensagem de que "as cooperativas são um importante modelo de negócios baseado em valores e reconhecem o anseio dos associados". Assim, 2012 não será o apogeu de uma série de eventos, mas o começo de uma campanha contínua de marketing e da marca, incluindo a mídia social, para "melhor informar os membros e atingir o público em geral, fazendo com que as pessoas percebam o incrível potencial que ela tem para solucionar os desafios de hoje."

"Uma oportunidade com este potencial não ocorrerá, outra vez, em nossa vida. É nossa responsabilidade, aproveitá-lo, com sucesso, e usá-lo para relançar a marca cooperativa neste século", enfatiza Charles Gould.

### A DECLARAÇÃO DA ONU

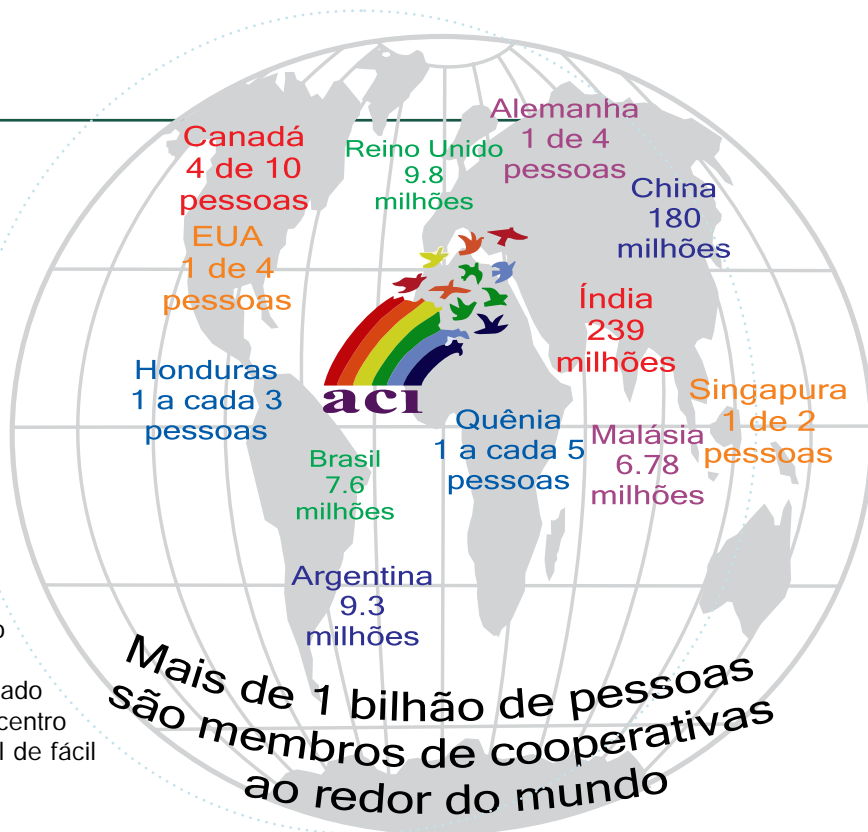
Em sessão plenária de 18 de novembro de 2009, a Organização das Nações Unidas proclamou 2012 como o Ano Internacional das Cooperativas, recomendando os Estados membros a promover as cooperativas e aumentar a consciência sobre sua contribuição ao desenvolvimento econômico e social".

### QUARTEL-GENERAL DA COOPERAÇÃO

A ACI (ou International Co-operative Alliance - ICA)

é uma associação independente, não-governamental, que une, representa e atende a rede mundial de cooperativas. Fundada em 1895, a ACI tem 247 organizações membros de 92 países, atuantes em todos os setores da economia. Juntas, estas cooperativas já reúnem perto de um bilhão de pessoas.

O escritório central da ACI está localizado no 5º andar de um prédio equidistante do centro e do aeroporto em Genebra, em um local de fácil acesso.



Mais de 1 bilhão de pessoas são membros de cooperativas ao redor do mundo



### UMA EM CADA SETE PESSOAS É COOPERATIVISTA

Em 31 de outubro de 2011, a população mundial atingirá 7 bilhões de pessoas, de acordo com o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). Desse total, o cooperativismo já reúne uma sétima parte, com mais de um bilhão de membros, comprovando que é o setor com maior expansão, contribuindo assim na organização das pessoas visando à melhoria das condições econômicas individuais e coletivas. Veja a ilustração.

### 9ª ECONOMIA DO MUNDO

Aproximadamente um bilhão de membros individuais e cooperativas listadas no Global 300 somam um movimento de US\$1.6 trilhão! Isso é igual a 10ª maior economia do mundo e mostra a credibilidade do modelo cooperativo. "O modelo cooperativo apresenta soluções para os maiores desafios do mundo," acentua Charles Gould. ■

### QUEM É PAULINE GREEN

Natural do Reino Unido, Pauline Green ingressou no cooperativismo há 35 anos e foi representante do movimento no Parlamento Europeu. Foi secretária geral do Cooperativismo do Reino Unido e vice da ACI Europa.



Pauline esteve em Nova Petrópolis-RS no ano passado

# A grande arrancada das cooperativas

“Contagem regressiva para 2012, o Ano Internacional das Cooperativas”. Mais do que irradiando um misto de euforia e expectativa, foi com foco ajustado e clareza de objetivos que o diretor geral da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), Charles Gould, falou para Pensar no seu escritório, localizado no centro de Genebra, Suíça. Extremamente atencioso e cordial, Charles “Chuck” Gould recebeu pessoalmente o repórter e o encaminhou para um “briefing” inicial com a coordenadora da programação alusiva ao Ano Internacional, Nicola Kelly. Após, brindou a revista com a seguinte entrevista exclusiva, agendada com precisão suíça para as 11h do dia 20 de junho.

**PENSAR** – You said that “influence is only conceit unless it has an agenda”. Can you explain more about it, according to the ICA plan for 2012, the “Year of the Co-operatives”?

**Charles Gould** – Part of the background to that statement, that influence is only conceit, unless it has an agenda, part of the background is that ICA is restructuring ourselves to ensure that we are providing great values to our members. We wanna be very focused on what our members wanna us to do. And, consistently our members rank influence as one of our highest priorities. In particular, they wanna us to be able to influence policy makers. But it's one thing to say that you want to have influence – but that is just bragging, that is just for your own ego – that is just conceit unless you really intent to do something with that. And so what we want to be focused on is being very clear at ICA what are the three top policy agenda items. If the secretary general of the UN would call us and say “come meet with us tomorrow and tell me what you want”, what would we tell him? What do we want? What are the top policy agenda items? And that is what we mean by saying “influence is only conceit, unless it has an agenda”. We want to be certain that what we are doing is not just talking, but advancing an agenda.

**PENSAR** – Você disse que “influência é apenas vaidade, a menos que se tenha uma agenda específica”. Você poderia falar mais sobre isso, levando em conta os planos da ICA para 2012, o “Ano Internacional das Cooperativas”?

**CHARLES GOULD** – Parte do contexto dessa declaração de que “influência é apenas vaidade, a menos que se tenha uma agenda específica” está no fato de que a ICA está se reestruturando para garantir que possamos oferecer o maior valor possível para nossos membros. Queremos estar muito focados no que eles querem que façamos. E, de forma consistente, os nossos membros classificam a “influência” como uma de nossas maiores prioridades. Em particular, querem que sejamos capazes de influenciar as autoridades. Mas uma coisa é dizer que você quer ter influência – mas isso é apenas se vangloriar, é apenas para seu próprio ego. Isso é apenas vaidade,



Gould: “influência é apenas vaidade, a menos que se tenha uma agenda específica”

a menos que você realmente tenha a intenção de fazer algo a respeito. Então, o enfoque que queremos ter na ICA é ter bem claro quais são os três itens mais importantes da agenda política. Se o secretário-geral da ONU nos ligasse e dissesse: “venham se encontrar conosco amanhã e nos digam o que vocês querem”, o que nós diríamos a ele? O que nós queremos? Quais são os principais temas da nossa agenda política? E é isso que queremos dizer com “influência é apenas vaidade, a menos que se tenha uma agenda específica”. Queremos estar certos de que o que estamos fazendo não é apenas falar, mas propor uma agenda realmente.

**P.** – What is the meaning of the “Year of the co-operatives”, promulgated by UN? Is it a recognition of the social and the economic power of the co-operatives?

**C. G.** – Well, certainly when the UN declares “International years”, they have a very real interest in development, in the development agenda. But there are equal concerns for social and

economic aspects of that. We try not to see this as a dichotomy with an irreconcilable tension. We'd like to see that this is as an integrated part of the co-operative model. That we're business, but we're values-based business. That we are not business as usual. Co-operatives are about advancing business in a way that has our values integrated in our approach. And so the year of the co-operatives is an opportunity for us to let the public know that there is a different way of doing business. That we don't have to be either charitable only or capitalist only. You can actually have an appropriate responsible approach to helping people live themselves up and accomplish their objectives.

**P. - Qual é o significado do “Ano das cooperativas” promulgado pela ONU? É um reconhecimento do poder econômico e social das cooperativas?**

**C.G. -** Bem, certamente quando a ONU declara “anos internacionais”, ela tem um interesse muito grande em desenvolvimento, numa agenda de desenvolvimento. Mas há as mesmas preocupações tanto para os aspectos sociais quanto para os aspectos econômicos disso. Tentamos não ver isso como uma dicotomia de tensões irreconciliáveis. Gostaríamos de ver que isso é parte integrante do modelo de cooperativa. Nós somos um negócio, mas somos um negócio baseado em valores. Não somos um negócio comum. As cooperativas têm como característica avançar nos negócios de uma forma que tenha nossos valores integrados no nosso enfoque. Assim, o “ano das cooperativas” é uma oportunidade para mostrar ao público que existe uma maneira diferente de fazer negócios. Que não precisamos ser só caridosos ou só capitalistas. É possível realmente ter uma abordagem adequada e responsável para ajudar as pessoas a darem o máximo de si e alcançarem os seus objetivos.

**P. - What is the real meaning of the slogan “Co-operative Enterprises Build a Better World”? Is it possible to measure it by numbers and values?**

**C.G. -** There is a lot packed into that statement and ICA worked hard to get the word “Enterprises” included, because we think that there's an understanding in the international community of the co-operatives as a development model. We think there is an understanding that we're improving the world by developing new co-operatives. What I don't think is that is an understanding that this is a business model. That this is how people advance their economic interest as well as their social interest. And so, ICA worked hard to make sure that the UN was comfortable in having the word “Enterprises” in that slogan. “How do we build a better world?” It is a big concept. It is a little hard to measure at that level, I definitely agree. But we think there are ways to show the impact that co-operatives have. Now, one of those is turnover. We measured the turnover of the largest co-operatives in the world. We publish the “global 300” report, that shows now in this current edition, we putting it out now, that the top 300 co-operatives around the globe have a collective turn-over of 1.6 trillion US dollars. That makes them, if they were an economy,

that would make them the ninth largest economy in the world. So there's a scale here, we can impact the year in a significant way. That is not entirely how we wanna be measured, there some much more that we do, but it is a start to show that we are a scalable approach to business.

**P. - Qual é o real significado do slogan “Empresas Cooperativas constroem um mundo melhor”? É possível medir isso através de números e valores?**

**C. G. -** Há muita coisa dentro dessa declaração, e a ICA trabalhou duro para ter a palavra “Empresas” incluída no slogan, porque achamos que há entendimento na comunidade internacional das cooperativas como um modelo de desenvolvimento. Achamos que há entendimento de que estamos melhorando o mundo através do desenvolvimento de novas cooperativas. O que eu acho que não há é entendimento de que este é um modelo de negócio; que é assim que as pessoas promovem seus interesses econômicos, bem como os seus interesses sociais. Por isso, a ICA trabalhou duro para ter certeza de que a ONU estaria confortável em ter a palavra “Empresas” nesse slogan. “Como é que nós construímos um mundo melhor?” É um conceito amplo. Concordo que é um pouco difícil de medir nesse nível. Mas achamos que há maneiras de mostrar o impacto que as cooperativas têm. Um deles é o giro de capital. Medimos o giro das maiores cooperativas do mundo. Nós publicamos o relatório “Global 300”. E esta última edição que estamos publicando agora mostra que as 300 maiores cooperativas do mundo têm um giro coletivo de 1,6 trilhão de dólares. Isso faria com que elas, se fossem uma economia, fossem a nona maior economia do mundo. Portanto, há uma escala aqui, mostrando que podemos impactar o ano de forma significativa. Não é somente assim que queremos ser medidos, fazemos muito mais que isso, mas é um começo para mostrar que somos uma abordagem de negócio mensurável.

**P. - How to create a strategic platform of co-operative communication?**

**C.G. -** Well, we have a new directress of communication now, Nicole Kelly, who you met, and she is charged to doing just that: making certain that we have the ability to get our message out, and part of that includes a public awareness campaign, which is the focus for the international year and that is working through our members. Our members are already communicating with their members. They're communicating with the public: they have websites, and shopping bags, and the products that they package, and they have annual reports and brochures. We want to be able to get a simple global message out through all our members, which is how we can use this existing communications platform in a very effective way. However, we also need to be able to take some of the best stories and plant them with the global financial press and with the global general press, global media, to ensure that we're being sought out for the co-operative perspective on breaking news, on current events. What do we think is happening in North Africa, in the Middle

East? We want to have a co-operative voice on that, we want to be sought out by mainstream media for that. That's all part of our plans.

**P. – Como criar uma plataforma estratégica de comunicação cooperativista?**

**C.G.** - Bem, temos uma nova diretora de comunicação, Nicole Kelly, que você conheceu. Ela está encarregada de fazer exatamente isso: assegurar que tenhamos a capacidade de transmitir nossa mensagem. E parte disso inclui uma campanha de conscientização pública, que é o foco do ano internacional, e que está funcionando através de nossos membros. Nossos membros já estão se comunicando com seus próprios membros. Eles estão se comunicando com o público pelos seus sites, em sacolas de compras, nos produtos que embalam, nos relatórios anuais e folhetos. Queremos ser capazes de passar uma mensagem simples e global por meio de todos os nossos membros, que é a forma como podemos utilizar essa plataforma de comunicação de uma maneira muito eficaz. No entanto, também precisamos ser capazes de selecionar algumas de nossas melhores histórias e colocá-las na imprensa financeira global e na imprensa em geral, na mídia global, para garantir que sejamos consultados sobre a perspectiva das cooperativas em relação às notícias recentes, aos eventos atuais. O que achamos que está acontecendo no Norte de África, no Oriente Médio? Queremos ter uma voz das cooperativas nisso tudo, queremos ser consultados pela grande mídia. Tudo isso faz parte dos nossos planos.

**P. – You mean that the cooperative will be the same language of communication for people all over the world. Is that it?**

**C. G.** – It will be, obviously adapted culturally and certainly for different languages. However, there's a common message, there are three messages that we think we wanna demonstrate during the 'International year'. The general public won't understand our values and principles, they won't get deeply into our governances. It is too much to expect the public to understand in a simple marketing campaign. But we'd like to get three points across (these won't necessarily be the words we will use, but this is what we want to demonstrate with our stories, this is what we want people to understand about us: the first one is that co-operativism is a serious business model. And that is where the scale we talked about comes in. Unless we're seen as a serious business model, we won't be seen as a serious solution for the macro-economic challenges the world is facing today. The second message is that we are values-based. We are not a typical business model. We're not business as usual. We are not business in the way people are used to see it. We're about sustainability, we're about fair access, we are very different. And the third message is that our members govern the co-operatives. This is important we think at a time when people want a voice. They're feeling irrelevant, they're feeling that they have no influence, they don't know... the economy is got no way for them, they don't know what the



Charles Gould (dir.) recebeu o jornalista Silvio Peter na sede da ACI em Genebra

future is. And the idea that you have a voice, members control co-operatives, we think is very important. So those are the three key-messages.

**P. – Você quer dizer que as cooperativas usarão a mesma linguagem de comunicação para todas as pessoas do mundo. É isso?**

**C. G.** – Ela será, obviamente, adaptada culturalmente e, certamente, para diferentes idiomas. No entanto, há uma mensagem comum. Há três mensagens que queremos difundir durante o "Ano Internacional". O público em geral não vai entender nossos valores e princípios, eles não vão se aprofundar na nossa governança. É demais esperar que o público entenda tudo em uma simples campanha de marketing. No entanto, nós gostaríamos de transmitir os três pontos seguintes (não necessariamente com essas palavras, mas isso é o que queremos demonstrar com nossas histórias; é isso que queremos que as pessoas entendam sobre nós). O primeiro ponto é que cooperativismo é um modelo sério de negócios. E é aí que entra a escala de que falamos há pouco. A menos que sejamos vistos como um modelo de negócio sério, não seremos vistos como uma solução séria para os desafios macro-econômicos que o mundo está enfrentando hoje. A segunda mensagem é que estamos baseados em valores. Nós não somos um modelo de negócio típico. Nós não somos um modelo de negócios como os que as pessoas estão acostumadas a ver. Temos a ver com sustentabilidade e acesso justo. Nós somos muito diferentes. E a terceira mensagem é que nossos membros regem as coo-

perativas. Acreditamos que isso é importante numa época em que as pessoas querem ter voz. Elas estão se sentindo irrelevantes, com a sensação de que não têm nenhuma influência, elas não sabem... A economia não lhes oferece uma solução, elas não sabem o que será o futuro. E a idéia de que você tem voz, a questão do controle pelos membros de cooperativas, é muito importante. Portanto, essas são as três principais mensagens.

**P. – Mr. Roberto Rodrigues, former president of ICA, told me that co-operativism could lead the global efforts to reach the “green economy”. Do you agree with that?**

**C. G. –** I very much agree! Co-operatives have been at the front of sustainability since the beginning. Since before there was that word and that concept. We were concerned about acting in a responsible way. A lot of that is because we were rooted in the communities and we just by nature are concerned about not depleting the resources in our communities. I think co-operatives could yet save the world for itself in some of these areas. And I think co-operatives clearly are leading the way. We've seen more co-operatives have an interest in issues around energy, electricity, technology and political as well in some countries.

**P. - Sr. Roberto Rodrigues, ex-presidente do ICA, me disse que o cooperativismo poderia liderar os esforços mundiais para atingir a “economia verde”. Você concorda?**

**C. G. -** Concordo inteiramente! As cooperativas têm estado à frente da questão da sustentabilidade desde o início. Mesmo antes de existir essa palavra ou esse conceito. Sempre estivemos preocupados em agir de forma responsável. Muito disso é porque estamos enraizados nas comunidades e, por natureza, preocupados em não esgotar os seus recursos. Eu acho que as cooperativas poderiam até salvar o mundo de si mesmo em algumas áreas. Acho que as cooperativas estejam claramente liderando o caminho. Temos visto que mais cooperativas estão interessadas em questões como energia, eletricidade, tecnologia e até mesmo política em alguns países.

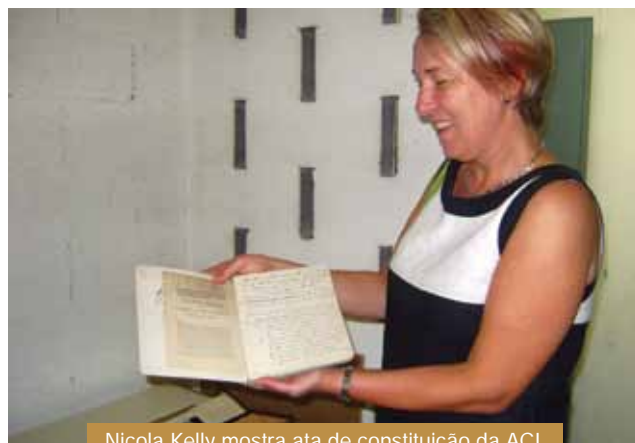
**P. – I really liked your articles and interviews, which propose a new positioning of co-operatives according to the 7th principle. Can you explain more about it?**

**C. G. –** The Americas region for ICA, in particular, would like to see ICA modify its seventh principle to really reinforce the notion of sustainability, the obligation to advance sustainability, this idea of being green and being concerned about environment and in practicing, in adopting practices that ensure sustainability. And so we are beginning that conversation in ICA. Everybody agrees that is important to who we are, what we do. Whether the seventh principle needs to be adapted, whether needs to be changed is something people are wondering, a lot of people see it already as a very strong statement, and it is a little concern about opening up all the principles where that will lead us... But there is a recognition that we need to, continuously, be beating that drum of sustainability and environmental concern. Every generation sees THIS as a topic of greater urgency

THAN the generation before them.

**P. - Eu gostei muito de seus artigos e entrevistas, que propõem um novo posicionamento das cooperativas de acordo com o 7º princípio. Você pode explicar mais sobre isso?**

**C. G. –** A região das Américas da ICA, em particular, gostaria que a ICA modificasse seu sétimo princípio para realmente reforçar a noção de sustentabilidade, a obrigação de promover a sustentabilidade, essa “idéia verde” de estar preocupado com o meio ambiente, e de adotar práticas que garantam a sustentabilidade. Estamos começando essa conversa na ICA. Todos concordam que é importante para quem nós somos, para o que fazemos. Se o sétimo princípio deve ser adaptado, se precisa ser mudado, é algo que as pessoas estão se perguntando. Muitos já o veem como uma declaração muito forte, e existe uma preocupação quanto a onde nos levará uma abertura total dos princípios. Mas há o reconhecimento de que precisamos continuamente bater na tecla da sustentabilidade e do meio ambiente. Cada nova geração vê isso como um tema da maior urgência do que a geração que a precedeu. ■



Nicola Kelly mostra ata de constituição da ACI

## Quem é Charles Gould

**C**harles Gould tomou posse como Diretor-Geral da ACI em 1º de setembro de 2010. Antes disso, atuou como Chefe-executivo da Voluntários da América, para assuntos de saúde, habitação e organização de serviços humanos nos Estados Unidos. Em cada um dos últimos cinco anos de sua administração, foi reconhecido como um dos cinquenta líderes mais influentes nos Estados Unidos do setor não-lucrativo. Antes de ingressar na Voluntários da América, Gould – chamado de Chuck pelos amigos - atuou como advogado. Ele tem um grau de Juris Doctor (JD) da Universidade de Minnesota Law School (EUA), e Mestre em Estudos (MST) em Direito Internacional dos Direitos Humanos da Universidade de Oxford (Reino Unido).

## Passado, presente e futuro

A uma quadra da Avenida Paulista, no coração da maior metrópole brasileira, Roberto Rodrigues administra sua concorridíssima agenda de coordenador do Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas e da Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo), de consultor internacional e palestrante incessantemente convidado por instituições de todo o país, enquanto prepara o seu 10º livro.

Renomado executivo, continua sendo um homem simples. Emotivo. Leal. Amigo. Não vive de recordações, mas está cercado de fotografias, quadros e objetos relacionados à família e seus netos, ao campo e à formação acadêmica. Sem esquecer os mapas do Brasil e do mundo. Foi ministro da Agricultura em 2003 quando o setor primário obteve, depois de muitos anos de luta,

a renegociação do “estoque” de dívidas. É considerado o maior líder da história do cooperativismo brasileiro, tendo presidido a OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras) e a poderosa Aliança Cooperativa Internacional (ACI).

Continua, sempre, inovando e pensando no futuro da humanidade. Adiantando-se à grande moeda universal que vem aí sob a denominação genérica de “economia verde”, prevê que o cooperativismo será a grande ponte para levar as pessoas a uma vida mais feliz. E desloca o comando da liderança mundial para os países hoje emergentes – o Brasil entre eles.

Escolhido para representar o marco referencial desta edição, Roberto recebeu o editor Silvio Peter em seu escritório no dia 2 de junho, na capital paulista.

### ROBERTO RODRIGUES

## “O cooperativismo deve liderar a economia verde”

#### O senhor continua ligado ao cooperativismo?

Eu fui um representante do cooperativismo brasileiro durante muitos anos, trabalhando na OCB, na OCESP, na ACI, em órgãos internacionais, como representante, tentando ajudar o sistema cooperativista. E continuo ligado, sim, até hoje. Tenho uma forte ligação com o sistema OCB, com quem trato permanentemente. Vivo fazendo palestras e participando de debates ligados ao sistema cooperativista. Publiquei, no ano passado, um livro sobre cooperativismo, com aquela temática que me levou para dentro da ACI – “Cooperativismo: caminho para a democracia e para a paz”. De modo que continuo ligado ao cooperativismo por uma razão óbvia: é a doutrina que eu escolhi para viver, intensamente comprometido com os seus valores, com os seus princípios, com a sua ética, e a minha vida é eternamente uma vida ligada ao cooperativismo.



**Acredita que os valores do cooperativismo são válidos ainda hoje, num mundo globalizado, onde a competição se acirrou? O cooperativismo tem condições de resistir e crescer diante dessa situação?**

Não há dúvida. O cooperativismo, enquanto doutrina, tem alguns séculos de vida, mas as cooperativas, na verdade, só surgiram como uma resposta à exclusão social, de um lado, e à concentração da riqueza, de outro com a Revolução Industrial, em meados do século XIX. E aí, a doutrina se esparramou pelo mundo todo,

transformando-se no maior movimento socioeconômico da história universal. Hoje tem mais de 1 bilhão de associados em todos os países do mundo e está presente em todos os setores da atividade econômica. Durante um século e meio, o cooperativismo foi tratado como a terceira via do desenvolvimento econômico, entre o capitalismo e o socialismo. E eu costumava dizer aos meus alunos na universidade, onde até hoje leciono cooperativismo, que esse caminho do meio podia ser representado por um rio fluindo entre duas margens. De um lado o capitalismo, do outro lado o socialismo. E o rio fluía, como a terceira via, na direção da foz do bem-estar coletivo. Essa era a imagem que eu usava no que eu chamava de a “primeira onda” da história cooperativista. Com a queda do Muro de Berlim e o “desmanche” do socialismo, seguido da transformação do capitalismo e liberalismo, a primeira e a segunda vias sofreram transformações tão profundas, que não teve mais sentido falar em terceira via. E a representação gráfica do cooperativismo como um rio, entre das margens, transformou-se em outra representação, que é “a ponte” unindo outras margens: o mercado, de um lado, e o bem-estar coletivo do outro lado - a felicidade das pessoas. Aliás, esse conceito deu origem ao tema da “segunda onda” e é o sétimo princípio do cooperativismo, que é a preocupação com a comunidade, desenvolvido e assumido pelo Congresso da ACI em Manchester em 1995. Eu pessoalmente trabalhei muito para a formulação desse sétimo princípio.

#### **O cooperativismo continua sendo a força das pessoas na economia globalizada?**

Nesse cenário, nessa conceituação nova do cooperativismo, não tenho a menor dúvida de que há um espaço enorme para o movimento, por uma razão evidente: os mesmos mecanismos que levaram à criação do movimento cooperativista, lá em meados do século XIX, ligados à exclusão social e à concentração da riqueza, estão recrudescidos sob o contexto da economia globalizada. Fusões e incorporações representam o quê? Representam exatamente a concentração da riqueza. E sempre têm como consequência a exclusão de pessoas do processo produtivo. Então, o cooperativismo ganha uma dimensão cada vez maior nesse contexto universal, em contradição à hipótese, ou à tese, de que ele não triunfaria neste momento complexo em que o capital domina completamente as ações planetárias.

#### **Mas o cooperativismo está organizado para isso?**

Eu tenho questionado muito o fato de que o mundo carece de lideranças com visão global. A economia globalizada implica uma nova forma de liderança, lastreada num projeto de interesse global. A gente observa que hoje não há nenhuma liderança individual de caráter planetário, mesmo nas organizações multinacionais mais importantes. A própria ONU, a FAO e a OMC são instituições que vão perdendo o protagonismo no planeta, por causa da inexistência de um projeto. Então, o cooperativismo pode ser o “empalmador” deste projeto - que eu defendo seja a “economia verde”.

#### **O que é a “economia verde”?**

A “economia verde”, compreendida como todas as atividades socioeconômicas, cuja alma, cujo tema central é exatamente a produção agrícola, com sustentabilidade, para eliminar a fome da Terra, é um tema que pode unir o planeta em torno de uma liderança.

#### **Qual é essa liderança?**

Eu acho que essa liderança é o cooperativismo, de modo que vem bem a calhar o fato de que 2012 tenha sido escolhido como “o ano do cooperativismo” pelas Nações Unidas, porque até lá nós temos um tempo de

organizar esse grande projeto da economia verde, que, inclusive, deve ser comandado pelos países tropicais. Acabou o tempo da liderança dos grandes países poderosos do Primeiro Mundo, que não têm a capacidade de produzir uma economia verde como nós, no Brasil, na América latina, ou os países do BRIC. De modo

que eu olho o cooperativismo, como um instrumento renascido, ressurgido meio que das cinzas da queda do Muro de Berlim, como um instrumento poderoso para o projeto global lastreado na economia verde, que crie para o mundo uma visão muito mais solidária e muito mais comprometida com o bem-estar social coletivo.

#### **Agregando valor numa visão de economia sustentável...**

Exatamente. A economia verde tendo sua base central na sustentabilidade, econômica, ambiental e social.

#### **Como é que se pode fazer essa ponte com a atuação da ACI hoje, às vésperas do “Ano Internacional das Cooperativas”?**

A ACI, quando a assumi em 1997, era uma instituição de caráter muito corporativo. Havia uma equipe muito boa trabalhando na ACI em Genebra, Suíça, mas os líderes mundiais: o presidente, o vice-presidente, o Conselho de Administração, que realmente davam os rumos ao trabalho da ACI, se reuniam apenas duas vezes por ano. O presidente ia uma vez por ano a Ge-

*“...é a doutrina que eu escolhi para viver, intensamente comprometido com os seus valores, com os seus princípios, com a sua ética, e a minha vida é eternamente uma vida ligada ao cooperativismo.”*

nebra, e outra vez por ano nalgum outro país em que se reunia com seu Conselho. De modo que havia um trabalho muito ao sabor dos interesses do grupo que administrava a instituição, e não de uma visão política ampla de caráter universal. E acho que essa foi a grande mudança que eu consegui fazer na ACI. De modo que o meu sentimento é de que a grande mudança da ACI, naquele período, foi exatamente uma abertura, saindo da sede, olhando para o mundo. Fui a 79 países num período curto de tempo, num trabalho estafante, mas muito agregador, num processo em que criamos prêmios para homenagear grandes líderes setoriais, de repercussão internacional, numa aproximação com os organismos ligados às Nações Unidas, tendo em vista ampliar o cooperativismo. A aproximação entre cooperativas agrícolas e de consumo nos países produtores e nos países consumidores... essa abertura para a inter-cooperação foi inteiramente aproveitada pelos presidentes que me sucederam, e acabam coroando essa visão com o estabelecimento, pelas Nações Unidas, do "Ano das Cooperativas". Essa é a grande característica da ACI contemporânea. É um órgão que saiu do escritório, em Genebra, para se transformar numa grande instituição respeitada no mundo inteiro.

**Uma de suas principais teses, de há muito conhecida, é que o cooperativismo se comunica pouco como a sociedade.**

Infelizmente, essa é uma frase que eu repito há, pelo menos, 30 anos, e que não tenho conseguido mudar. Existem movimentos e esforços, de segmentos, de setores, de ramos do cooperativismo, de determinadas lideranças institucionais do movimento, mas não existe um movimento orgânico, amplo, seja de caráter nacional, seja de caráter internacional, mostrando o cooperativismo. E isso não é algo fácil, realmente, porque é uma doutrina. Uma doutrina tem valores, princípios muito sólidos, muito consistentes, e que estão atravessando os tempos e prevalecendo permanentemente. Doutrinas e princípios prevalecem independentemente do que esteja se passando lá fora, na contemporaneidade. Explicar isso, ensinar isso, e transformar essa informação numa ação concreta, representada pela cooperativa, que é um instrumento da doutrina, é realmente complicado, porque só pode ensinar isso quem assumir a doutrina como meio de vida. E nem sempre a gente consegue que isso aconteça, mesmo com lideranças competentes, mas que têm um *modus vivendi* que não se coaduna com a doutrina. É como o cristianismo, enquanto doutrina, que também implica um compromisso, implica um com-



Bom-humor e simplicidade: características de Roberto

portamento, que nem sempre é seguido na plenitude pelos cristãos. Então o tema da comunicação, ligado a outros princípios, à educação, formação e informação, é sem dúvida, muito espinhoso, dada essa particularidade. Explicar a doutrina, fora do templo, é complicado.

**O desafio é produzir um grande projeto de comunicação para fora de si, tentando, então, levar a doutrina à discussão na grande praça pública, digamos assim?**

Esse exercício, feito pela Unimed através da Revista Pensar e do Fórum Político, é um esforço importante e que pode emular ramos do cooperativismo. E essa ideia de trazer para o debate sobre o cooperativismo, esse é o instrumento. Se você conseguir trazer, para dentro da filosofia, "gente que compre" a filosofia, e com ela se comprometa e que, sendo de fora e tendo uma estrutura de representatividade importante com credibilidade perante a sociedade, este é um mecanismo formidável. Atrair inteligências de fora para dentro do movimento, para dentro da filosofia, pelo menos, e com isso você fazer disseminação de uma forma aculturada da doutrina, para fora do movimento cooperativista, é muito bem-vindo. ■

### O que é "Economia verde"?

Economia verde é aquela que, no ciclo produtivo, leva em conta três pontos principais: o desenvolvimento, a qualidade de vida e o meio ambiente. É a busca de um novo modelo econômico de baixo carbono, baseado no melhor aproveitamento dos recursos naturais. Traduzindo, é uma postura que já está sendo adotada por muitas instituições de visão, que buscam o crescimento econômico, mas não a qualquer custo. O desenvolvimento vem através de um trabalho responsável e sustentável, que visa ao bem-estar das pessoas e a preservação do meio ambiente.

**UNICRED** 

**INTEGRAÇÃO**  
**IX CONVENÇÃO**  
**NACIONAL**  
**UNICRED**  
**EFICIÊNCIA**  
**SUSTENTABILIDADE**

AGENDE-SE PARA O  
PRINCIPAL EVENTO DO SISTEMA  
UNICRED DO BRASIL.  
**PARTICIPE!**

**02 A 04/11/2011**  
CENTER CONVENTION  
**UBERLÂNDIA - MG**

Neste ano, a cidade de Uberlândia/MG sediará a IX Convenção Nacional Unicred, reconhecida por sua calorosa hospitalidade mineira e alta gastronomia, é a segunda cidade em ordem de grandeza do Estado.

Os temas abordados buscam informar as constantes mudanças do mercado atual, além de promover a integração de todos por meio dos Painés e Mesas Redonda: "Eficiência em Cooperativas de Crédito", "Papéis da Singular, Central e Confederação", "Regionalizações" e "Ganho de Escala". Contaremos também com as palestras sobre "Cenários e Perspectivas Políticas e Econômicas no Brasil" e "A Importância do Cooperativismo de Crédito no Brasil".

[www.unicred.com.br](http://www.unicred.com.br)

PATROCÍNIO

SEGUROS  
**Unimed**

**SEBRAE**

**Bradesco**  
Cartões

**UNICRED**

**BANCOOB**

**Secop**

**MONGERAL** **EDSON**  
Lopes & Associados

**OCB**

**Banco do Brasil**

**BRASIL**

# Um novo modelo na economia social

Em um país caracterizado pelo antigo Estado paternalista, o setor cooperativo, liderado pela Cases - Cooperativa António Sérgio para a Economia Social, busca aprofundar o seu ordenamento e reconhecimento institucional, de acordo com as diretrizes do Parlamento Europeu e da ONU, validando o modelo empresarial cooperativo como fator essencial do desenvolvimento econômico e social.



Eduardo Graça, em evento sobre Direito Cooperativo promovido pela Ocergs-Sescoop/RS, em Porto Alegre em junho de 2011.

Seu presidente, Eduardo Graça – que no final de julho esteve no Brasil – explica que recentemente ocorreu uma reforma institucional relativamente ao movimento cooperativo, com a criação da Cases, em substituição ao Instituto António Sérgio (Inscoop), abrangendo todos os setores da economia social – cuja denominação é assim consagrada pela União Europeia (no Brasil é mais conhecida a economia solidária).

Ele explica que “o curioso e original deste tipo de organização é que ela resultou de uma parceria entre o Estado e as organizações privadas. Ou seja, o Estado deixou de ser tutelador para moldar um estatuto de Estado-parceiro, visando obter resultados em áreas de interesse público”,

A característica principal é a de que, conforme definido na Lei portuguesa, “trata-se de uma cooperativa atípica, na qual não vigora o princípio democrático de ‘uma pessoa um voto’, mas do capital, com voto majoritário do Estado”. A forma jurídica é definida pela legislação como “cooperativa de interesse público”, justificando assim a prevalência do Estado, “não só na formação do seu capital social, como na respectiva gestão”.

A diferença, conforme acentua Patricia Boura, vice-presidente da Cases, é que “antes, o Estado financiava e cuidava de tudo e, com o reordenamento do setor, passou a delegar funções por meio de um Plano de Atividades e Orçamento bienal”.

Ela aponta para a necessidade de uma nova cultura a ser assimilada: a reestruturação da economia social para superar a crise, aliar rentabilidade e solidariedade, criar empregos e gerar capital, em prol do desenvolvimento socioeconômico do país.

Um grande desafio, sem dúvida, para o cooperativismo em Portugal ampliar a sua participação no PIB, sem

descuidar do seu papel social.

— Portanto – conclui Eduardo Graça – o Estado associou-se a este conjunto de organizações com o objetivo de constituir um organismo com a função de regular e impulsionar e modernizar o próprio setor em todas as áreas de ação. ■



Tereza Lucas, Patrícia Boura e Paula Correia

## Quem foi António Sérgio



Político e filósofo, foi uma dos principais pensadores Portugueses. Promoveu o cooperativismo associativo como forma de educação democrática e de realização do ideal socialista. Entre suas obras: Introdução atual ao problema cooperativista, Cartas ao Terceiro Homem e Ensaio e Democracia.

## Entidades Cooperadoras da Cases

- **ANIMAR** - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local
- **CNIS** - Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade
- **CONFAGRI** - Confederação Nacional das Cooperativas Agrícolas e do Crédito Agrícola de Portugal, C.C.R.L.
- **CONFECOOP** - Confederação Cooperativa Portuguesa, C.C.R.L.
- **UMP** - União das Misericórdias Portuguesas
- **UMP** - União das Mutualidades Portuguesas

# A RELAÇÃO DA UNIMED COM OS BENEFICIÁRIOS É DE OLHO NO OLHO. E COM AS EMPRESAS PARCEIRAS, DE OLHO NO FUTURO.

ANS Nº 36708-7

O Sistema Cooperativo Empresarial

Unimed/RS é liderado pela Federação e composto pela Central de Serviços, a Uniair e o Instituto Unimed. A instituição tem o papel de representar política e economicamente as 26 Unimeds Singulares e os 13 mil médicos cooperados junto à comunidade gaúcha.

**SISTEMA  
COOPERATIVO  
EMPRESARIAL  
UNIMED-RS**

**Unimed**   
Rio Grande do Sul

**Unimed**   
Federação/RS

**CENTRAL  
DE SERVIÇOS**

**UNIAIR**

**Instituto  
Unimed/RS**

# Quando as grandes se unem para ficar ainda mais fortes

Em 27 de janeiro de 2011, em Roma, nasceu a Aliança Cooperativa Italiana, resultante da vontade e alinhamento de propósitos das três maiores organizações daquele país: Legacoop, AGCI e Confcooperative. Com o objetivo – simples e direto - de dar mais poder às cooperativas, a centralização de comando em um único corpo que servirá para coordenar a ação de representação junto ao Governo, ao Parlamento, às instituições europeias e aos parceiros sociais: sindicatos e associações patronais. As três instituições cooperativas compõem um universo de 43.000 unidades sistêmicas, com mais de 1,1 milhão de funcionários, 12 milhões de membros e faturamento de 127 bilhões de euros – equivalente a 7% do PIB da Itália.

São números que impressionam e legitimam a tese de um de seus protagonistas, o diretor administrativo da Legacoop, Mário Martucci, para quem está claro que “precisamos enfrentar juntos a globalização da economia, em uma única associação. E esta é a consolidação de um processo de fortalecimento conjunto iniciado nos últimos anos e que não irá voltar atrás”. É como “uma grande árvore de cooperação formada por diversos ramos”. Além das vantagens econômicas desta decisão, a nova Aliança também tem, como um dos princípios norteadores, a escolha de um único porta-voz para falar em nome das três em questões comuns, representando nada menos que nove setores distintos de atividades.

## O SEGREDO DA LONGEVIDADE

Os olhos brilham e a gesticulação própria dos italianos confirma a paixão de signore Martucci ao falar sobre o ideal cooperativista. “A crise econômica dos últimos anos levou à redescoberta do cooperativismo na Itália”, afirma, explicando que “é nas dificuldades que as pessoas recorrem sempre de novo ao que ele define como a possibilidade cooperativista, para se manterem nas suas atividades, percebendo na cooperativa o sustentáculo da força de trabalho e manutenção de empregos”.

De fato. Se não fosse assim, como ela e muitas outras cooperativas ao redor do planeta teriam resistido a duas guerras mundiais? No caso da Legacoop, são nada menos que 125 anos de atuação ininterrupta!

Mas qual é, enfim, o segredo fundamental que garante a longevidade das cooperativas, quando a situação chega ao fundo do poço?

A resposta de Martucci vem rápida, concisa, consistente e, principalmente, baseada na longa trajetória de sucesso da “empresa” que administra, representando um poderoso ensinamento para a gestão das cooperativas no Brasil, bem como um recado claro e objetivo para os associados que, em geral, só pensam nos ganhos de curto prazo.



Martucci na sede da Legacoop: “Patrimônio sólido garante longevidade da cooperativa”



Sara Vicari e Mário Martucci

— O segredo da longevidade é a visão de que na cooperativa a propriedade do negócio não é individual, mas da coletividade dos sócios. Ao contrário da empresa privada, cuja filosofia está na apropriação individual dos lucros, na cooperativa os resultados devem ser apropriados para o patrimônio conjunto, a fim de garantir a solidez da organização em tempos difíceis, visando à sustentabilidade do negócio a longo prazo, e não simplesmente o benefício imediato”, demonstra Martucci, apoiado por farta documentação preparada por sua assistente Sara Vicari.

Somente tendo um patrimônio sólido é que as cooperativas podem atuar como uma espécie de “colchão social”, auxiliando os associados a se manterem na atividade econômica e capacitando as novas gerações mediante a oferta de cursos profissionalizantes, enfatiza. É nesta condição que o cooperativismo vem se consolidando, na Itália, ganhando o reconhecimento do papel econômico e social na Constituição da República Italiana e também beneficiando de um específico regime fiscal. A promoção das cooperativas também é garantida por fundos mutualísticos nacionais, criados pelas organizações cooperativas Italianas, de acordo com a lei italiana nº 59/92, e financiados através de 3% do lucro anual das cooperativas e os ativos restantes das cooperativas em liquidação.

Mas Martucci adverte: “O cooperativismo precisa manter sua autonomia política, relacionando-se com todo os partidos e proibindo que seus dirigentes concorram a cargos políticos”. ■

Por Crespo, Kátia Okumura e Larissa Errerias

## QUEM SÃO

- **LEGACOOOP** - Fundada em 1886, a Liga Nacional de Cooperativas e Mútuo é a mais antiga das organizações cooperativas italianas. Atua em todas as regiões e setores da produção, construção, distribuição, agroalimentar, serviços, fabricação e deu origem a grandes empresas que operam no seguro, crédito e financeiro.
- **AGCI** – Associação Geral das Cooperativas Italianas
- **Confcooperative** – Confederação Cooperativa Italiana

As cooperativas que fazem parte da Aliança Cooperativa Italiana atuam nos seguintes setores: habitação, agroalimentar, consumo e varejo, crédito e mútuo, trabalho, construção e produção, pesca, serviços e indústria, saúde e bem-estar social, turismo, cultura e esportes

## FEDERAÇÃO MATO GROSSO

# Unimed em expansão

Uma jovem que cresce a cada dia. Assim pode ser definida a Unimed Federação do Estado de Mato Grosso, conforme as palavras de seu presidente, Kamil Hussein Fares. Polo agrícola do Centro-Oeste brasileiro, o Estado do Mato Grosso protagoniza um vertiginoso desenvolvimento econômico, impulsionado pela crescente migração de agroempresários notadamente do Sul do país.

Também em expansão, o cooperativismo médico matogrossense avança na integração regional e nacional, ocupando espaço nas relações com a comunidade e atuando em perfeito alinhamento político e operacional com as organizações de cúpula do Sistema, lideradas pela Unimed do Brasil, pela Unimed Participações e pela Central Nacional Unimed (que tem Kamil como um de seus diretores).

Oriundo da Unimed Cuiabá, Kamil explica que a filiação à Unimed do Brasil - em substituição à Aliança Unimed - possibilitou a "alavancagem" da Federação MT. Reconhecendo ali "um modelo mais coerente e legalista", a Federação MT passou a centralizar a câmara de compensação no Estado, reduzindo em 30% os custos para as Filiadas. A partir de então a Federação deu impulso a um programa de educação continuada, com cursos de qualificação aos seus quadros - relembra o dirigente, atribuindo a esta decisão estratégica um papel fundamental, iniciado pelo presidente fundador, Onofre de Souza - atualmente liderando a Organização das Cooperativas do Mato Grosso - OCB/MT.

"A integração e a educação foram complementadas por outro pilar de sustentação: o adequado relacionamento com o Poder Judiciário no Estado", enfatiza Kamil, citando exemplos de conquistas importantes obtidas na Justiça.

### TRANSPORTE AEROMÉDICO

Comprovando a vocação de trabalhar afinada com o Sistema, a Federação MT concluiu em julho um exitoso processo de integração comercial com a Uniair Serviços Aéreos - empresa pertencente ao Sistema Cooperativo Empresarial Unimed RS.



Maurício Goldbaum e Antônio Quevedo (Uniair), Nilson May (Unimed/RS) e Kamil Hussein (Federação Mato Grosso) celebram parceria

A parceria agora firmada é atribuída pelo dirigente a um conjunto de "pontos de convergência", com uma série de garantias e vantagens asseguradas em contrato.

Apoiado na rede de ambulâncias-UTI, o serviço de transporte aeromédico da Uniair atenderá nada menos que 262 mil usuários na fase inicial, tendo a disponibilidade da frota de três aeronaves e um helicóptero, bem como uma base avançada no aeroporto de Londrina, para atender também o Paraná.

## Esforço na trajetória de sucesso da Unimed Federação do MT

### Na palavra do presidente

Somos 24 funcionários, quatro diretores executivos e sete associadas. Mas só quem viu a Unimed Federação do Estado de Mato Grosso nascer sabe o que esse número significa. Diversos obstáculos foram enfrentados, e hoje são eles que nos mostram que o caminho certo foi traçado.



Kamil Hussein Fares: "Estamos no caminho certo"

Nossa história começou em outubro de 1994, em Salvador (BA), durante a Convenção Nacional do Sistema Unimed. O então diretor superintendente da Unimed Cuiabá, Onofre Cezário de Souza Filho, observou que até aquele momento nem todos os Estados contavam com Federações Estaduais. Na época, representando as Singulares na nossa região, tínhamos uma Confederação, hoje a Federação Interfederativa Centro-Oeste e Tocantins.

Éramos seis cooperativas médicas Unimed, o que permitia a constituição de uma Federação. E assim iniciou-se o processo. Um ano depois, Amauri Barbosa, presidente da Federação Interfederativa do Centro Oeste e Tocantins juntou-se a Onofre Cezário no projeto. Inúmeras visitas foram realizadas a outras Federações para conhecer suas estruturas. No meio de tudo isso, o levantamento de documentações, comprovantes tributários e demais papéis necessários para a filiação ao Sistema Unimed.

Tanto empenho deu certo. A Unimed Federação do Estado de Mato Grosso foi constituída e fundada em 6 de setembro de 1996. A ocasião foi marcada pela presença de importantes nomes do Sistema Unimed Estadual: Dergan Antônio Baracat, da Unimed Cuiabá; Rubens Claudino, da Unimed Rondonópolis; Guilherme Pinto Cardoso, da Unimed Vale do Jaurú; Abdo Halek Saleh Abdalla, da Unimed Barra do Garças; Elias Destefani, da Unimed Norte do Mato Grosso; e José Esteves de Souza Júnior, da Unimed Cáceres.

Mato Grosso tem mais de três milhões de habitantes que ocupam uma área de 903.330 quilômetros. São 141 municípios. Os números do Sistema Unimed no estado somam uma Federação, sete Singulares, 1.781 médicos cooperados, 295 mil clientes, 12 farmácias Unimed, 1.076 empregos diretos, 463 clínicas/serviços contratados, 83 hospitais credenciados e 31 pronto-atendimentos credenciados.

A Federação é operadora estadual de planos de saúde e não concorre com as suas singulares, pois todos os clientes e a receita dos planos são repassados a elas. As cobranças e pagamentos de todo o intercâmbio das associadas são realizados aqui. Só em 2010, essa movimentação teve uma média de R\$ 4 milhões por mês na Câmara de Compensação Estadual. Já na Câmara de Compensação Nacional, o movimento foi de R\$ 8,5 milhões mensais. Isso elimina o trabalho das Singulares.

Em 2010 investimos R\$ 177 mil em programas de treinamento e desenvolvimento em parceria com o Sescop/MT.

Coordenamos o Grupo Permanente de Atendimento Regional – GPA, Comitê Jurídico Estadual, Comitê Contábil Estadual, Comitê de Recursos Humanos Estadual, Conselho Auditor Estadual, Convenção de Vendas, Encontro de Atendimento, Fórum de Auditoria de Enfermagem, além de darmos consultorias às Singulares em diversas áreas.

Assumi meu primeiro mandato em 2007 e fui reeleito em 2010. Fazer parte dessa grande equipe e representar Mato Grosso é uma honra. É um privilégio atuar em prol da grande marca que é a Unimed. ■

Por César Crespo e Larissa Erreria

## Composição administrativa

### Diretoria Executiva:

- Diretor Presidente: Kamil Hussein Fares (cooperado da Unimed Cuiabá)
- Diretor Administrativo: Aristides Joaquim da Cruz (cooperado da Unimed Vale do Jauru)
- Diretor Financeiro: Nelson Luiz dos Santos Rocha (cooperado da Unimed Cáceres)
- Diretora de Intercâmbio: Flávia Lúcia Bittar Gonçalves (cooperada e diretora presidente da Unimed Norte de Mato Grosso)

### Conselho de Administração:

- Abdo Halek Saleh Abdalla – diretor presidente da Unimed Araguaia
- Luis Carlos Straliozzo – diretor presidente da Unimed Rondonópolis
- Marcos Eiti Nishimura – diretor presidente da Unimed Vale do Sepotuba
- Irany de Oliveira e Silva – diretor presidente da Unimed Vale do Jauru
- João Bosco de Almeida Duarte – diretor presidente da Unimed Cuiabá
- Honorina Almeida Gonçalves – diretora presidente da Unimed Cáceres
- Edson do Nascimento – diretor vice-presidente da Unimed Norte de Mato Grosso

# Unimed Mercosul - ponto de convergência dos Estados do Sul

Ponto importante de convergência política, institucional e operacional, a Confederação Unimed Mercosul vem conquistando definitivamente seu espaço no Sistema por atuar integrando, de forma efetiva, os Estados do Sul, reunindo-os em torno de objetivos comuns que resultam em soluções que se estendem a toda rede unimediana. Como foi há dez anos com a criação do Portal, por exemplo, que hoje tem abrangência nacional. Do mesmo modo, sua atuação na busca de redução de custos assistenciais, tem papel efetivo junto aos comitês de negociação de materiais de alto custo (regional e nacional, respectivamente, CTM e CNTPN) com ações pontuais que ajudam a promover ganhos em escalas. Foi dessa forma que, aos poucos, a Mercosul conquistou espaço e tornou-se ponto de referência no Sistema.

“A unidade do Sistema Unimed no âmbito da Unimed Mercosul, por conta do trabalho realizado pelos presidentes que me antecederam, é a nossa maior força. Meu desafio agora é dar continuidade a esse trabalho”, revela o médico Orestes Barrozo Medeiros Pullin, que é o presidente da Cooperativa, para a gestão 2010-2013. Ele recebeu o cargo das mãos do presidente da Federação Rio Grande do Sul, que presidiu a diretoria na gestão 2007-2010, o médico Nilson Luiz May. A presidência da Unimed Mercosul tem mandato de três anos e é ocupada, em rodízio, pelos presidentes de uma das três Federações do Sul. Quando o representante de um dos estados assume a presidência, os representantes dos outros dois ocupam os cargos de 1º e 2º vice-presidentes e indicam representantes de suas regiões para comporem o Conselho de Administração e o Conselho Fiscal, que são eleitos na AGO (Assembleia Geral Ordinária) da Confederação regional. À diretoria-executiva, composta ainda de um diretor administrativo financeiro e um outro responsável por mercado e intercâmbio, cabe, além de atuar também nas atividades institucionais, integradoras e políticas, a parte operacional e administrativa.

Para Pullin, o trabalho, que a diretoria, agora sob seu comando, deve ter em mente é o de continuar no ritmo de conquistas que a Mercosul tem vivenciado nos seus 16 anos de existência. “Para isso, estamos aprimorando a prestação de serviços às Singulares, qualificando melhor os funcionários e desenvolvendo ações que possam resultar no controle de sinistralidade e na melhoria da remuneração de nossos cooperados, lá na ponta. Do mesmo modo, com o Núcleo Regional, estamos desen-

volvendo ferramentas que ajudem no estímulo à conquista cada vez maior de conhecimento, seja de nossos cooperados, dirigentes ou colaboradores”, revela.

A elaboração do Planejamento Estratégico da Unimed Mercosul para o triênio 2010-2013 vai ao encontro das mesmas bases pelas quais ela foi criada, buscando aprimorar as decisões da gestão, reafirmando ou redirecionando caminhos de acordo com as necessidades dos tempos atuais. A implantação da Gestão por Competências que identificou as Competências Essenciais da Cooperativa (Integração e Fomento a serviços de referências) e apontou novos desafios, chamando a organização a uma maior proatividade junto ao Sistema, já se constitui uma resposta resultante do novo olhar que se faz necessário para as empresas de saúde, diante as exigências constantes do setor que as fiscaliza.

Para Pullin, todo esse trabalho é uma continuidade do que vem sendo desenvolvido até agora. “Os presidentes que me antecederam elevaram a Mercosul à condição que ela desfruta atualmente. No entanto, o processo de evolução natural exige que façamos, de tempos em tempos, um realinhamento de nossa atuação, atualizando metas e ações. Nossa intenção é continuar o ritmo de conquistas que a Mercosul vem vivenciando”, conclui. ■

Por Jossânia Veloso

## Números do Polo Mercosul

- A Unimed possui 54% do mercado de Saúde Suplementar da região Sul
  - São 71 Singulares e três Federações
- Os Estados somam
- 3.849.181 beneficiários Unimed
  - 26.847 médicos cooperados de um universo de 53.924
- Beneficiários Unimed por cooperados em cada estado:
- Paraná : 144
  - Santa Catarina: 189
  - Rio Grande do Sul: 114

## Uniair voa mais alto também nos céus do Paraná



A Uniair aterrissou, com seu helicóptero Esquilo, no pátio do Hotel Mabu, em Foz do Iguaçu, no dia 23 de junho, para marcar presença no 6º Encontro das Unimeds do Polo Mercosul e 19º Suespar (Simpósio das Unimeds do Estado do Paraná). Pilotada por Amaury Kreisler Mello Filho, a aeronave permaneceu no local durante os três dias do evento, para garantir a tranquilidade dos cerca de mil participantes. A empresa, desde o ano passado tem entre suas clientes a Unimed Paraná. Além do helicóptero, a empresa também se manteve presente no evento por meio de um estande que funcionou na feira de negócios, armada especialmente para o encontro das Unimeds. Para o presidente da Unimed PR, Orestes Pullin, a parceria com a Uniair é importante à medida que valoriza serviços de qualidade oferecidos por empresas do Sistema. ■

# ASSEMBLEIA LEGISLATIVA: O ESPAÇO DOS GRANDES DEBATES DO RIO GRANDE.

*Em 2011, a Assembleia fortalece a vocação de discutir os temas que são fundamentais para os gaúchos. Por meio das comissões, do Fórum Democrático e dos deputados, o Parlamento vai valorizar a democracia e a participação de todos na construção de um Estado com desenvolvimento sustentável e inclusão social.*

[www.al.rs.gov.br](http://www.al.rs.gov.br) • [www.twitter.com/assembleiars](http://www.twitter.com/assembleiars)



**Assembleia  
Legislativa**

Estado do Rio Grande do Sul

## Repensando o modelo cooperativo de negócio

Nos dias 4 e 5 de agosto, o 23º Suergs (Simpósio das Unimed Gaúchas) reuniu, no Hotel Deville em Porto Alegre, lideranças e médicos cooperados das Unimed do Rio Grande do Sul. Num formato inédito, o evento foi realizado em conjunto com o 1º Congresso de Cooperativismo, com o objetivo de aliar as questões técnicas debatidas no simpósio a assuntos de cunho mais filosófico, enquadradas na programação. Dentro dessa lógica, os participantes do evento – intitulado “Pensando mais longe nosso modelo cooperativo de negócio” - puderam discutir temas gerais de interesse do Sistema e refletir sobre aspectos cruciais para o crescimento e fortalecimento do cooperativismo médico.

Entre os destaques da programação estiveram os painéis “Cooperativismo Unimed: pensando o amanhã” e “Governança corporativa: cooperativa X operado”, ministrados pelos presidentes Nilson Luiz May (Unimed/RS) e Eudes de Freitas Aquino (Unimed do Brasil) respectivamente. “A Unimed na ótica dos dirigentes e dos cooperados” foi tema de um painel de debates e “A Medicina: dos anos 80 ao futuro” envolveu a plateia com as palavras do médico José Camargo. Encerrando os dois dias de discussões, Nilson May e José Miranda (presidente da Unimed Pelotas) apresentaram possíveis alternativas para o futuro no painel “Modelo de Cooperativismo”.



Novos rumos do cooperativismo foram pauta do 23º Suergs e 1º Congresso de Cooperativismo



## “Há sempre um passo mais a dar”

Por Sérgio Lara\*

Os 131 participantes do 23º Suergs e do 1º Congresso de Cooperativismo Unimed-RS reafirmaram a cooperação como a melhor forma de organização social e econômica dos médicos, salientando, porém que as incertezas do mercado, a baixa participação dos cooperados, a falta de unicidade do Sistema Unimed e os indicativos de mudanças do modelo de saúde e modelo de remuneração exigem uma tomada de posição do Sistema Cooperativista Unimediano, no sentido de aperfeiçoá-lo e fortalecê-lo.

### Participar, hoje, é um ato revolucionário

A decisão tomada pelos congressistas, de aprofundamento das questões principais, quais sejam a educação, a remuneração, a medicina preventiva, a gestão, a integração unimediana e o modelo de saúde, deverá ser implementada com ampla participação dos Gestores e demais Cooperados do Sistema Unimed-RS. ■

\*Assessor de Capacitação Cooperativista da Unimed/RS

### Qualidade premiada

A Unimed/RS é uma das vencedoras do Prêmio Qualidade RS 2011. Além da Federação, mais seis Unimed conquistaram o prêmio: Alto Uruguai, Central de Serviços, Encosta da Serra, Erechim, Planalto Médio e Região da Campanha. O Prêmio Qualidade RS é uma iniciativa do PGQP (Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade) e tem o objetivo de reconhecer as instituições que se destacam na gestão da qualidade.



Agradecemos aos nossos colaboradores, fornecedores e clientes por mais essa conquista.



**Top5**  
2011  
14º  
TOP  
OF MIND  
ESTADÃO  
DE RH

Estar no Top 5 não basta. Para a maior do Brasil,  
é preciso ser Top of Mind Estadão de RH.

**Unimed**

**Unimed**

ANS - Nº 33967-9

A marca de planos de saúde que não sai da cabeça dos brasileiros pode conquistar, mais uma vez, o Top of Mind Estadão de RH. Para isso a Unimed conta com o seu voto.

Pois, vencer pela 12ª vez contando com o apoio de vocês torna esse prêmio ainda mais valioso.

Final, nossa vitória é sua vitória.

Vote

**VOTE**

Central Nacional

**Unimed**

Juntos pela vida.

[www.centralnacionalunimed.com.br](http://www.centralnacionalunimed.com.br)

# Central-RS: garantindo o abastecimento dos serviços próprios do Sistema

Fazer com que medicamentos e materiais hospitalares da melhor qualidade - e com os melhores preços - cheguem o mais rápido possível aos seus destinos é um dos trabalhos da Unimed Central de Serviços - RS, por meio do PROGEAB, Programa de Gestão de Abastecimento, que está dividido em duas frentes de trabalho: o Centro de Compras e o Centro de Distribuição.

## Centro de Compras

Com mais de 130 fornecedores e 15 mil produtos cadastrados, efetua negociações de compras de medicamentos e materiais hospitalares, os quais são entregues diretamente para os serviços próprios das Unimeds do Estado. Existente desde a criação da Central, em 1997, o Centro de Compras foi sendo ampliado e hoje conta com oito colaboradores, que trabalham incansavelmente para garantir a melhor negociação para as Filiadas.

## Centro de Distribuição

Semelhante ao Centro de Compras, também negocia e adquire medicamentos e materiais hospitalares, mas os produtos comprados, somente aqueles 1.500 de maior consumo, são estocados na sede da cooperativa em Canoas, ficando à disposição dos mais de 500 clientes ativos que a Central-RS possui atualmente, sendo que 63% do volume de vendas é para clientes de fora do Sistema Unimed.

## Produto, Preço e Praça

Segundo Carlos Jeske, Gerente Corporativo, a preocupação constante da equipe de 53 colaboradores do PROGEAB não é apenas buscar os menores preços. É também garantir a segurança do que é adquirido, por meio de rigoroso controle de procedência e qualidade, que começa com o cadastro dos 400 fornecedores e a verificação do registro de todos produtos, que devem atender às normas específicas da ANVISA.

Preço justo, qualidade comprovada. Se isso é bom, para a Central não basta. É preciso garantir que tudo chegue ao destino em perfeitas condições, sem faltas e na hora certa. Um compromisso assumido pela instituição é a entrega em menos de 24 horas nos três Estados da Região Sul.

Esse esquema, cuidadosamente desenvolvido, traz uma série de ganhos para os clientes. Mas não são só eles quem ganham. É o que explica o presidente da Central-RS, o médico Jorge Robinson: "Com a redução de custos e uso de produtos de qualidade, ganham as Filiadas e seus cooperados, pelo aumento das sobras e melhor remuneração, e ganham os beneficiários, não apenas pela garantia de segurança dos materiais e medicamen-

tos, mas também pelo menor impacto desses custos no valor das suas mensalidades." ■



Equipe do PROGEAB E espaço da distribuidora na Central RS em Canoas.



## Os números do PROGEAB

Medalha Bronze no Prêmio Qualidade RS 2011 do PGQP (Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade), a Unimed Central-RS trabalha focada no cumprimento de seu negócio: **"Fomentar o desenvolvimento e reduzir os custos operacionais e assistenciais das Filiadas, para que elas possam melhorar a remuneração dos seus cooperados"**. A prova disso são os números a seguir:

- O Centro de Compras gerou uma economia de 4 milhões de reais para as Filiadas;
- O Centro de Distribuição gerou uma economia de 2,6 milhões de reais;
- A Central-RS é distribuidora exclusiva da linha de produtos Cremer no Estado e é o primeiro distribuidor da linha Eurofarma;
- É a 3ª distribuidora de medicamentos e materiais de consumo hospitalar do RS.

# UNIAIR

## Serviços aéreos em nível de excelência

Em 40 minutos, cronometrados com o preciso rigor do gerenciamento indispensável para o mercado competitivo da aviação comercial, a aeronave de voos executivos é destituída de suas confortáveis poltronas e transforma-se em uma unidade de transporte aeromédico, dotada de equipamentos como uma maca ao lado de uma incubadora para recém-nascidos que a torna única, na Região Sul do país, na frota de aviões de socorro médico.

“Não há mágica alguma, é questão de adequação técnica e treinamento da tripulação”, explica o diretor-presidente da Uniair, Mauricio Goldbaum, garantindo que esta operação ágil e competente possibilita à empresa credenciar-se cada vez mais no ambiente da concorrência privada de táxi aéreo, sem perder a vocação nem a disponibilidade para o transporte de pacientes em situação de gravidade médica pela qual a Unimed/RS idealizou sua criação em 1997, para proporcionar aos clientes do Sistema Unimed do Rio Grande do Sul um serviço diferenciado na remoção aeromédica.

### AUMENTAM OS VOOS EXECUTIVOS

Desde 2007, entretanto, com Mauricio no comando, a Uniair vem abrindo-se para o mercado, atendendo às projeções de uma nova política gerencial do complexo empresarial cooperativo adotado pela Federação das Cooperativas Médicas do Rio Grande do Sul. Entre os intervalos de atendimento aeromédico, as aeronaves deixaram de ficar ociosas e passaram a ser utilizadas por empresários, gestores públicos e políticos em voos particulares - quando o tempo é fator decisivo na resolução de negócios ou no cumprimento de agendas apertadas.

### MANUTENÇÃO E CAPACITAÇÃO

Com a nova proposta de ampliar a clientela, a Uniair foi naturalmente forçada a aumentar a frota e modernizar seus equipamentos para oferecer um produto competitivo e, ao mesmo tempo, disponibilizar aviões suficientes para cumprir a dupla demanda potencial - de serviços aeromédicos e de locação para consumidores externos.



Frota da Uniair: um helicóptero e três aviões habilitados para voos executivos e transporte aeromédico

Além de adquirir uma aeronave King Air B 200 com capacidade para oito passageiros e um modelo King Air C 90 para seis pessoas - além do anterior King Air C90SE com cabine pressurizada e cinco lugares e um Helicóptero Esquilo AS350B2 - a Uniair investiu na excelência na manutenção e qualificação dos seus profissionais.

“Todos passam obrigatoriamente por treinamento rigoroso na fábrica nos Estados Unidos. Dois comandantes de asa rotativa (helicóptero), quatro pilotos e quatro copilotos de asa fixa treinaram lá com simuladores originais da Beechcraft”, destaca. A manutenção é realizada com base no manual da fábrica e feita em oficinas referenciadas pelo fabricante. “Jamais teremos aeronaves com um risco mecânico mínimo nem profissionais com média capacitação. Tudo tem que estar no nível da excelência”, sustenta.

O posicionamento no mercado já levou Mauricio a realizar uma exposição para empresários na conhecida reunião-almoço “Tá na Mesa”, da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul (Federasul).

E se em 2008 e 2009 foram feitos em média cerca de 45 voos executivos ao ano, já em 2010, com a frota completa, foram realizados 106 voos locados, o que significa um aumento de 140% no segmento. Neste ano, de janeiro a junho, foram negociados 63 voos executivos, mantendo, portanto, o elevado índice de procura. ■



# Um "doutor" fotógrafo

O doutor Gandara pedirá desculpas a todos, outra vez. Mas vai reorganizar a agenda médica, transferirá compromissos pessoais e tentará explicar aos amigos que se trata de uma viagem inadiável mesmo. Que a esposa, a hematologista Mariângela, procure entender esta incontrolável paixão do marido e que a filha Maria Eduarda, a Duda, de 11 anos, vá se acostumando com o que pode parecer uma estranha mania do pai. Mas nada neste mundo desviará Gandara do rumo do aeroporto e do percurso que cumprirá, ansioso, separando

Caxias do Sul, onde mora, de uma cidade que exiba uma exposição fotográfica com imagens de autoria de ídolos como o francês Cartier Bresson, o norte americano Ansel Adams ou Sebastião Salgado, o mais importante fotógrafo brasileiro, afamado no exterior.

Gandara descerá no aeroporto Tom Jobim-Galeão no Rio de Janeiro ou Cumbica ou Guarulhos em São Paulo e empreenderá uma corrida de táxi que lhe parecerá interminável até chegar ao seu destino, diante da telas com as fotografias que ascendem à dimensão de obras de arte.

Com reverência quase religiosa, ele se espantará, mais uma vez, frente às cenas congeladas no papel fotográfico emoldurado na parede a sua frente:

— Veja nesta foto em preto e branco de Salgado, focando um trabalhador em campo petrolífero. Veja como o líquido negro está colorido de tão brilhante!

E dirá isto de modo vibrante, mas tão atrapalhado com as palavras, insuficientes para abarcar tamanho sentimento, que sentirá, uma vez mais, a pele arrepiar-se de pura emoção.

O cirurgião pediátrico Carlos Gandara, portoalegrense de 46 anos, formado em 1988 na PUC mas que trabalha em Caxias do Sul desde 1993, costuma dizer que não é, como muitos fotógrafos confessam, um pintor frustrado que recorre à ajuda da câmera para expressar-se artisticamente. Desde o curso secundário no Colégio São João, na capital, ele descobriu na fotografia uma vocação que antecedeu a trajetória profissional que o levou à medicina. Graças a uma Kodak Rio 400 de seus pais, começou a desenvolver o gosto pela função que envolvia a captação e, depois, o trabalhoso processo



Caxias do Sul (RS)





Angkor

artesanal de revelação que tornou-se obsoleto na era das câmeras digitais. Nem por isso, hoje em dia, Gandara descuida-se do acabamento da fotografia que vai ser exibida em papel ou postada no seu blog <http://gandara-fotografia.blogspot.com>

— Não sou um bom retratista de pessoas, nem fotógrafo; prefiro então os registros de viagem, as paisagens, a natureza, os animais. Mas tenho preocupação especialmente com a boa exploração da luz, a busca pelos tons de cores fortes e com o enquadramento da cena fotografada.

Em viagens que passou a fazer com frequência produzindo cada vez mais fotografias, Gandara usa a precisão de cirurgião para calcular, de antemão, o momento da melhor iluminação de uma cena. E, não importa o horário, lá estará ele, de madrugada ou ao anoitecer, para registrar nas lentes da sua Canon 7 D, da série profissional, o instante que considera exato para clicar a imagem que irá compartilhar com os outros.

O apuro técnico foi desenvolvido em vários cursos específicos de fotografia em Porto Alegre, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e na graduação pioneira da Universidade de Caxias do Sul (UCS), que foi forçado a interromper no terceiro ano, quando, eleito para o Conselho da Unimed Nordeste-RS, teve o tempo universitário tomado pela nova função, mas que jura retomar, assim que possível, para cumprir os dois derradeiros semestres.

Tanto interesse em aprender já lhe possibilita condições até para ensinar em dois cursos que ministra para colegas do Hospital da Unimed e para interessados do Clube da Fotografia de Caxias do Sul. Nestes, oferece ensinamentos sobre os segredos óticos das lentes e orienta como se deve planejar a confecção de fotografias em viagem.

É curador também de uma exposição do veterano de 87 anos, Walter Brugger, médico e fotógrafo como ele.

Atualmente exhibe parte do resultado do seu hobby em uma mostra que divide com fotógrafos da Serra sob o título "Nosso olhar sobre Caxias do Sul", alusiva à Semana da Fotografia do município. E para os leitores da Pensar, oferece imagens de sua mais recente ida à Ásia que embelezam estas páginas da revista.

Sem se acomodar, porém, Gandara está investindo em uma nova busca fotográfica, registrando os colegas no cotidiano hospitalar, em funções nas quais preserva os pacientes e enfoca principalmente a rotina no bloco cirúrgico, com os profissionais convivendo com suas tristezas e alegrias, decepções e recompensas do dia a dia médico. ■



Baía de Halong (Vietnã)



Angkor

Em sua última viagem, durante três semanas, em março, Gandara fotografou pela Indochina (Vietnã, Laos e Camboja) e Tailândia. Está preparando uma mostra que vai se chamar "Crianças que fotografei pelo mundo". Gandara já fez fotos nas Montanhas Rochosas do Canadá, Grand Canyon, Parque das Sequóias Gigantes, deserto do Atacama, Patagônia Argentina, Terra do Fogo, Nova Iorque, Buenos Aires, Lima, Montreal, Quebec, Grécia, Paris e boa parte da Espanha.

# As bases rochdaleanas do cooperativismo brasileiro

Edgar Schulze

Mestre, Especialista em Cooperativismo, Administrador; Assessor de Cooperativismo da Unimed/RS – Federação das Cooperativas Médicas do RS, à qual está vinculado desde agosto de 1980.

A literatura especializada em cooperativismo é unânime ao identificar a sociedade dos 28 tecelões de Rochdale, constituída em 24 de outubro e inaugurada, no Beco do Sapo (Toad Lane) dessa cidade inglesa, ao anoitecer de 21 de dezembro de 1844, como sendo a primeira cooperativa. Mas o que diferencia esta experiência dos inúmeros outros empreendimentos cooperativos identificados ao longo da história da humanidade?

Em 1844, a Inglaterra passava pela fase mais dura do início da Revolução Industrial. O espírito de solidariedade estava desaparecido quase que por completo e o liberalismo dominante era contrário a qualquer forma de associação profissional que visasse à defesa dos interesses de classe. Os operários, recebendo salários miseráveis e trabalhando em condições hoje reconhecidas como indignas, moravam mal e passavam por dificuldades para sustentar suas famílias. A maioria abastecia-se junto aos comerciantes locais recorrendo ao crédito que, muitas vezes impagável, levava ao alcoolismo e à prisão por dívidas. Este contexto propicia o surgimento de teorias revolucionárias e de algumas ações concretas com o propósito de auxiliar os pobres. Mas nada tão longo e eficaz como a iniciativa deste grupo de operários da indústria da tecelagem.

Embora pouco se saiba sobre a vida pessoal e a formação destes operários, é conhecido que eles tinham diferentes habilidades profissionais (a maioria trabalhava em indústrias de tecelagem mas nem todos como tecelões) e que professavam diferentes convic-

ções políticas (algumas antagônicas!). Sabe-se, também, que muitos eram alfabetizados (situação incomum entre os pobres), que mantinham militância política em agremiações profissionais (muitas ilegais...) ou que haviam participado de ações ou de empreendimentos que pretendiam a redenção da classe operária (todas mal-sucedidas ou, pelo menos, incapazes de retê-los como participantes).

O grupo de 28 se formou em torno da necessidade comum de garantir o abastecimento de suas famílias de uma forma que os livrasse das dívidas e da dependência aos comerciantes. E eles concluíram que, para isso, deveriam montar seu próprio armazém. Mas foram além: seria preciso organizar – e assumir – a cadeia produtiva dos bens de consumo; seria preciso criar empregos; seria preciso construir moradias dignas; seria preciso combater o alcoolismo; em resumo, seria preciso reformar o mundo! Mas para isso, seria necessário convencer todos os operários a acompanhá-los, o que só será possível com o seu próprio empreendimento sendo bem sucedido. Qual o segredo do seu sucesso?

Esses 28 operários tiveram muito tempo, entre a decisão de fazer algo e a inauguração de seu armazém (só a fase de capitalização para a compra do primeiro estoque levou um ano), para montar o seu programa revolucioná-

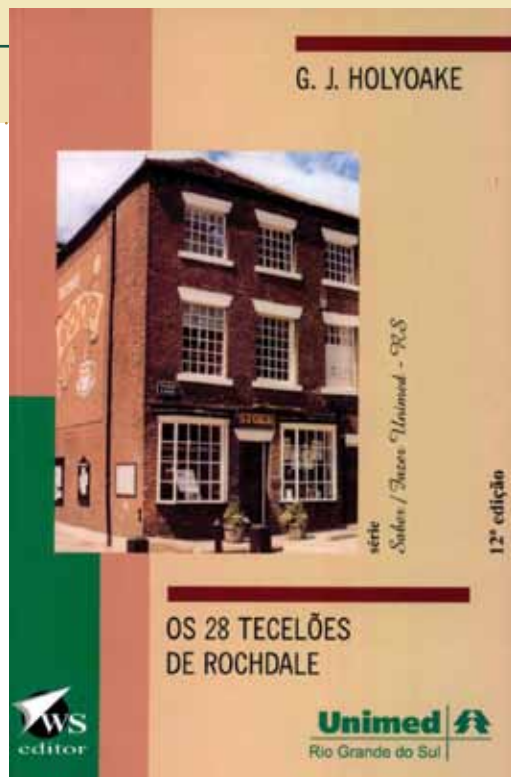


rio. Nesta montagem, é preciso destacar: a) eles foram capazes de escrever seu programa; b) eles souberam harmonizar suas diferenças construindo ideias comuns; e c) eles fixaram regras claras para o funcionamento de sua sociedade e para o desenvolvimento de seu programa para “arrumar” o mundo.

O negócio dos operários prosperou, sua experiência foi difundida e expandiu-se. Contribuíram, para a divulgação deste empreendimento, os artigos escritos em 1857 por seu contemporâneo, o jornalista George Jacob Holyoake, inicialmente publicados no Daily News, depois reunidos em livro, sob o título *Self-help by the People*<sup>1</sup>. Em 1895, o número de cooperativas, na Inglaterra e fora dela, levou à constituição da Aliança Cooperativa Internacional – ACI, com sede em Londres, com o propósito de – dir-se-ia hoje – fixar a base doutrinária para o funcionamento dessas sociedades, promover sua integração e a defesa dos interesses comuns. E a ACI tem feito isto com sucesso planetário, conseguindo que a ela tenham se vinculado cooperativas originárias de outras experiências.

No Brasil, sob a inspiração direta de Rochdale, a literatura identifica como constituídas, em 1889, a Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto – MG e, em 1891 e em 1895, duas outras cooperativas de consumo, respectivamente, em Camaragibe – PE e em Limeira – SP<sup>2</sup>. A expansão do cooperativismo no Brasil é consentânea com o seu ordenamento jurídico<sup>3</sup>, dividido em três fases: 1ª - a de implantação, que inicia em 1903 e termina em 1938; 2ª - a intervencionista do Estado, que começa em 1938 e se estende até 1988; e 3ª - a auto gestonária, que inaugura nova era cooperativista a partir da Constituição Brasileira de 1988. Desde o primeiro texto legislativo a tratar das cooperativas, em 1932, o legislador brasileiro tem privilegiado as bases rochdaleanas, mas mantendo as cooperativas sob a tutela estatal, o que é rejeitado pela ACI. É apenas em 1988, com a aprovação da atual Constituição, quando passa a ser vedada a intervenção do Estado na constituição e funcionamento das cooperativas, que o cooperativismo brasileiro ganha assento na ACI. ■

Comentários sobre este artigo, escreva para [eschulze@unimedrs.com.br](mailto:eschulze@unimedrs.com.br).



1. O livro de Holyoake, com o título *Os 28 Tecelões de Rochdale*, foi traduzido do espanhol para o português (Brasil), em 1933 por Archimedes Taborda, cuja edição original foi transcrita e vem sendo editada, desde o ano de 2000, pela Unimed/RS – Federação das Cooperativas Médicas do Rio Grande do Sul Ltda. em parceria com WS Editor, de Porto Alegre/RS; as referências à primeira publicação constam do prefácio do livro de Holyoake – *The History of the Rochdale Pioneers* – de 1893, 10ª edição, revista e ampliada, do seu *Self-help*.
2. Nenhuma delas sobrevive; curiosamente, a cooperativa mais antiga em funcionamento no Brasil é a Sicredi Pioneria, de Nova Petrópolis – RS, uma cooperativa de crédito constituída em 1902, por influência do Padre Theodor Amstadt SJ (colonorum pater), com base na experiência de Friedrich Wilhelm Raiffeisen, na Alemanha, quase contemporânea mas sem conhecer a de Rochdale.
3. Conforme PERIUS, Vergílio. *Cooperativismo e Lei*. São Leopoldo/RS. UNISINOS, 2001. 352 pp, pág 67.

# Recursos humanos fazem diferença na recessão e no crescimento

**Mohamad Akl**

*Presidente da Central Nacional Unimed*

O desempenho da economia brasileira em 2010 foi, além de muito bom para toda a sociedade brasileira, um laboratório de testes para as empresas. O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu mais de 7%, o que não acontecia desde a euforia do Plano Cruzado, em 1986.

Uma aceleração tão forte da demanda exigiu demais da infraestrutura econômica de empresas programadas para até 4% de crescimento médio.

Como ninguém joga oportunidades de negócio fora, corremos todos para ampliar a oferta de produtos e serviços, a fim de atender os novos clientes.

O que, para algumas empresas, foi bastante traumático, variando de acordo com as estratégias de gestão de pessoas adotada. Em nosso caso, como sempre va-

aquela dedicação extra para disputar um mercado escasso em novos contratos.

E também não há a superação necessária para se adequar a uma demanda muito acelerada, pois não temos como ajustar imediatamente a

equipe ao crescimento do trabalho. O processo de identificação, seleção e contratação de profissionais não é tão rápido assim.

Vários ramos de atividade não conseguiram selecionar o pessoal necessário. Com a aceleração da economia, não havia profissionais para todas as vagas.

Este ano, o PIB deve ser moderado pela necessidade de combater a inflação em alta, mas ainda assim espera-se um incremento de 4%, ou em torno desse percentual.

Significa que, em alguns segmentos empresariais, ainda será difícil contratar os especialistas necessários ao andamento dos negócios.

Portanto, seja em períodos de crise econômico-financeira (como entre 2008 e 2009), ou em momentos de crescimento, como no ano passado, o que faz a diferença é a qualidade da equipe.

O grau de confiança na empresa, o orgulho de pertencer àquele grupo, a satisfação com salários e benefícios, então, são fundamentais para a continuidade e aperfeiçoamento dos negócios.

Temos de pensar em tecnologia, em infraestrutura, em novos produtos e serviços. Mas, sem focalizar a atividade em gente feliz e capacitada, sem valorizar a área de Recursos Humanos, perderemos sempre, por falta ou excesso de negócios. ■



*Portanto, seja em períodos de crise econômico-financeira (como entre 2008 e 2009), ou em momentos de crescimento, como no ano passado, o que faz a diferença é a qualidade da equipe.*

lorizamos nossa equipe e a consideramos nosso grande diferencial de mercado, foi mais fácil obter o comprometimento dos profissionais quando um contrato trazia milhares de vidas a mais para nossos planos de saúde.

Não adianta simplesmente determinar que o cliente seja bem atendido. Uma empresa só funciona bem quando todos se sentem partícipes do sucesso dela. E essa é uma condição difícil de obter, mas fácil de perder.

As empresas que não têm verdadeiro vínculo com seus colaboradores sofrem muito na recessão e no crescimento. Sem profissionais supermotivados, falta

# Medicina e arte

Em 2010, foi lançado o livro "Medicina Humanizada com Arte". Com organização do médico Paulo Campelo e textos de Wilson Freire, a obra ganha vida com ilustrações do médico e cartunista gaúcho Ronaldo Cunha Dias, cooperado da Unimed.



# O ténue equilíbrio da saúde no Brasil

**Alcides Mandelli Stumpf**

*Médico, Diretor do Instituto Unimed/RS*

**E**m entrevista à revista Veja, o Prêmio Nobel americano Robert Fogel afirma que o setor saúde será um dos motores da economia no século XXI. Para nós, médicos que lidamos com os constantes aumentos de custos tecnológicos e demais insumos, além da progressão da longevidade e qualidade de vida, a premonição não chega a ser tão surpreendente.

Mas, como bom pensador, Fogel vai mais longe e desafia o senso comum ao afirmar, com base em suas pesquisas, que para os cidadãos menos abastados a melhor saída é que os abonados gastem cada vez mais. “Os bons hospitais construídos para os ricos acabam beneficiando também os mais pobres, por meio dos planos de saúde”, sustenta.

*“Entendemos que o Governo, através da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), deva seguir disciplinando o mercado, sem no entanto praticar desmandos ou experiências esdrúxulas.”*

Se transportarmos essa afirmação para a realidade brasileira, o raciocínio se encaixa perfeitamente. Aqui, onde os ricos são poucos, é fato que sozinhos não conseguem e nem lhes é conveniente manter estruturas hospitalares de excelência. Assim migram para o Primeiro Mundo quando da doença ou associam-se a setores interessados (universidades, seguradoras, etc.). Na segunda hipótese limitam-se aos grandes centros urbanos, onde há estruturas de ensino e pesquisa, com seus respectivos recursos humanos e tecnológicos, além de verbas e aportes diferenciados.

Tal situação, em que pese ser verdadeira, não se reproduz na imensa maioria das cidades brasileiras. É certo que a concepção do atual modelo de saúde é mantida em grande parte – queiram ou não alguns –

graças aos préstimos dos planos de saúde, que atendem cerca de 45 milhões de pessoas em todo o país.

Portanto, o Sistema Único de Saúde (SUS) sobrevive com o tão conhecido precário equilíbrio, mediante o respaldo fundamental

dos planos de saúde privados, pela perspectiva qualificada dos serviços demandados e graças ao complemento que se soma, a cada atendimento, aos cofres públicos. Esta realidade é ainda mais perceptível no interior do país e na maioria das capitais do Sul, onde existe uma verdadeira malha de atendimento patrocinada pelas cooperativas médicas e demais operadoras, propiciando um atendimento jamais imaginado se todos os brasileiros ficassem à mercê da saúde estatal. Somente o Sistema Unimed, com sua 373 cooperativas médicas, está presente em 4.623 municípios brasileiros.

Neste contexto, entendemos que o Governo, através da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), deva seguir disciplinando o mercado, sem no entanto praticar desmandos ou experiências esdrúxulas, pois é vital que não se perca de vista a necessária preservação da harmonia nas relações envolvendo operadoras, hospitais, pacientes e o ente público, a fim de evitar prejuízos irreparáveis àqueles que mais precisam dos serviços.

Eventuais abusos ou ações desmedidas, desencadeadas por interesses estranhos à saúde em si, podem ganhar contornos desfavoráveis e combalir uma parceria que, apesar de eventuais fatores limitantes, revela-se responsável, sustentável e com efeitos sociais direta e amplamente percebidos. Afinal, os ricos seguem sendo a minoria, e os pobres e remediados a imensa maioria e principais vítimas da incompetência, da corrupção, da má-fé e da intermediação de atravessadores e das parvoíces sectárias. ■



# Foco em bons resultados é o **fator** que faz a diferença.

O **Banco Fator** tem uma trajetória bem sucedida de mais de 40 anos no mercado de capitais, com forte vocação e comprometimento na obtenção de resultados consistentes e seguros.

A excelência e a criatividade de nossa equipe na busca de produtos, serviços e soluções inovadoras vão contribuir para a gestão e proteção do seu patrimônio.



Private Banking • Corporate Banking • Tesouraria • Fusões e Aquisições • Mercados de Capitais • Fundos de Investimento  
Corretora de Valores\* • Administração de Recursos\*\* • Seguradora\*\*\*

(Empresas controladas pelo Banco Fator - \* Fator S/A Corretora de Valores - \*\* Fator Administração de Recursos Ltda. - \*\*\* Fator Seguradora)

São Paulo: (11) 3049-9100 • Rio de Janeiro: (21) 3861-2500 • Belo Horizonte: (31) 3115-8500 • Curitiba (41) 3111-7800

[www.bancofator.com.br](http://www.bancofator.com.br)  
0800-77-07229 - SAC  
0800-77-32867 - Ouvidoria

banco**fator**

*Agilidade.  
Se é importante  
para os seus negócios,  
é importante  
para a Uniair.*



**UNIAIR**

A gente faz o tempo voar.

[www.uniair.com.br](http://www.uniair.com.br)

(51) 2121.1109

### Exclusividade

Proporciona o melhor planejamento possível e satisfação total.

### Agilidade

O tempo é fator decisivo no mundo empresarial. Por isso, a Uniair prima em ser ágil.

### Segurança

Aeronaves novas e manutenção certificada; além de profissionais altamente treinados.

